

**UFRRJ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

DISSERTAÇÃO

**NARCISO IMAGEM:
UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A COMPREENSÃO DO PROCESSO DE
INDIVIDUAÇÃO A PARTIR DA DINÂMICA ARQUETÍPICA.**

Anna Maria São Tiago de Melo

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**NARCISO IMAGEM:
UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A COMPREENSÃO DO PROCESSO DE
INDIVIDUAÇÃO A PARTIR DA DINÂMICA ARQUETÍPICA.**

ANNA MARIA SÃO TIAGO DE MELO

Sob a orientação do professor
Nilton Sousa da Silva

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Psicologia**, no Programa de pós-graduação em Psicologia, área de concentração: Psicologia Social.

RJ
Janeiro de 2018

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S637n São Tiago de Melo, Anna Maria , 1981-
NARCISO IMAGEM: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A
COMPREENSÃO DO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO A PARTIR DA
DINÂMICA ARQUETÍPICA / Anna Maria São Tiago de Melo.
- 2018.
74 f.

Orientador: Nilton Sousa da Silva.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
Psicologia, 2018.

1. Imagem. 2. Símbolo. 3. Metáfora. I. Sousa da
Silva, Nilton , 1958-, orient. II Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós
Graduação em Psicologia III. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

ANNA MARIA SÃO TIAGO DE MELO

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em PSICOLOGIA**, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, área de Concentração em Psicologia Social.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM ----/----/----- (Data da defesa)

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof. Nilton Sousa da Silva
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Leandro Chevitarese
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof^a Isabela Fernandes
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

RJ 2018

DEDICATÓRIA

Ao meu tio Nilton (*in memoriam*), por me dar um norte, aos meus pais por me darem o suporte e aos meus dois maiores amores, Maria Helena e Bernardo, que convivem com aquilo que mais se aproxima da minha realidade e ainda assim permanecem me amando...

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os encontros que não passaram despercebidos, possibilitando assim ampliação, a partir da união de trajetórias, lutas, olhares, diferenças, sofrimentos, desafios, reflexões... Engendrando em mim outras formas de ser, tão reais, tão legítimas, quanto a minha.

EPÍGRAFE

Em algum lugar muito feio, achei uma coisa muito bonita. Que me trouxe o contraste entre o áspero e o macio.

De natureza pequena, suspensa no ar, parece que voa, mas ainda não foi voar.

Vai sair dali, mas ainda está presa.

É que lá, naquele estranho canto, escondida ela espera pelo vento.

Mas antes dele chegar eu a encontrei sem querer. Talvez estivesse também a minha espera.

Pensando então sobre ela, que daqui a pouco não estará mais ali, pensei nessa coisa da vida, essa de presente, passado e futuro.

Com o tempo tudo muda, o vento, a flor, a gente...

Anna Maria São Tiago de Melo

(PUC RJ, Gávea 13/09/13.

Aula do professor Carlos

Bernardi. Tema: Deixar a

escrita fluir).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
Capítulo 1: O POETA E A OBRA	11
1.1 : Ovídio e Metamorfoses.....	11
1.2 : Jung, Ovídio e Narciso	13
Capítulo 2: A PSICOLOGIA PROFUNDA DE JUNG.....	14
2.1 : Introduzindo conceitos relevantes	14
2.2 As manifestações do inconsciente	20
2.3 : Relação consciência e inconsciente	26
2.4 : A importância da teoria arquetípica e das produções míticas.....	28.
2.5 : Princípios da psicologia analítica: Processo de Individuação, Teleologia e Sincronicidade.....	32
Capítulo 3: CONTEXTO METODOLÓGICO E EPISTEMOLÓGICO	34
Capítulo 4: A IMAGEM ESCONDIDA	38
Capítulo 5: A CONTRIBUIÇÃO DE NARCISO	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
ANEXOS	68

RESUMO

O presente trabalho pretende apresentar uma leitura do mito de Narciso, encaminhada para o inconsciente e fundamentada a partir do conceito de arquétipo apresentado por C.G Jung, que define essa estrutura enquanto básica da psique inconsciente coletiva e possuindo como base de sua atuação a imagem.

Com embasamento na hermenêutica da psicologia junguiana, método construtivo e de caráter prospectivo, uma rede de associações se teceu em torno de semelhanças de sentido e de correspondência com o funcionamento psíquico proposto por Jung.

A concepção de arquétipo e sua relação direta com a imagem denunciaram temáticas da experiência humana, que na realidade reaparecem sempre em toda parte, não apenas na trajetória de Narciso.

Visto ser através da vivência simbólica que a psique compartilha, cria e transforma o mundo, este trabalho aponta o processo de individuação conceituado por Jung, como finalidade última da psique em direção à busca de significado existencial, experimentado como compartilhamento entre os membros da sociedade psíquica e social, objetivando a homeostase psíquica.

Palavras-chave: imagem, símbolo, metáfora.

ABSTRACT

The present work intends to present a reading of the myth of Narcissus, directed to the unconscious and based on the concept of archetype presented by C.G Jung, that defines this structure as basic of the collective unconscious psyche and having as base of its action the image.

Based on the hermeneutics of Jungian psychology, a constructive and prospective method, a network of associations was woven around similarities of meaning and correspondence with the psychic functioning proposed by Jung.

The conception of the archetype and its direct relationship with the image denounced the themes of human experience, which in reality reappear everywhere, not only in Narcissus' trajectory.

Since it is through the symbolic experience that the psyche shares, creates and transforms the world, this work points to the individuation process conceptualized by Jung as the ultimate goal of the psyche towards the search for existential meaning, experienced as sharing among the members of the psychic society and social, aiming at psychic homeostasis.

Keywords: image, symbol, metaphor.

INTRODUÇÃO

Para a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, as imagens definem o modo a partir do qual, estruturas psíquicas denominadas arquétipos, são preenchidas pela energia psíquica. Esse funcionamento em particular, demonstraria a existência de um potencial organizador inerente à psique, representado pela dinâmica arquetípica.

A dinâmica arquetípica possui característica ambivalente. Para demonstrá-la, procurar-se-á trazer à tona essa dualidade, a partir da trajetória mitológica de Narciso. A personagem será descrita a partir da compreensão e descrição daquilo que simbolicamente ela revela como pertinente ao contexto arquetípico. Dentro deste cenário, o Processo de Individuação é destacado, como a via através da qual o relacionamento com as questões arquetípicas se realiza e, por conseguinte, a possibilidade de reorganização psicológica. Como colaboração para a compreensão desse processo, apresentar-se-á uma Psicologia Profunda de Narciso, a partir da Psicologia Junguiana. Essa Psicologia se encaminhará para o inconsciente e indicará a existência de um pólo latente, expressado na necessidade de avançar que a personagem traz, superando os limites impostos por uma imagem não refletida, com todas as suas dificuldades relacionais. É esse Narciso que aqui será tratado, esse que traz em si mesmo, o potencial de metamorfosear-se, amplificação simbólica possibilitada por Jung, que permitiu dar às imagens um olhar que considera o aspecto inesgotável da psique humana.

Ao sugerir imagens-símbolos como portadoras de sentimentos, positivos ou negativos, e sugerir que cabe a cada indivíduo saber o tipo de valor que se dá a determinado sentimento, no seu mundo particular, Jung propõe que conflitos emocionais não devem ser combatidos como inimigos, mas antes necessitariam ser acolhidos e reorientados. Seria pela tomada de consciência desses conflitos, que surgiria a possibilidade de equilíbrio ou homeostase psíquica, realidade interior concebida através da integração de valores conflitantes.

A busca de significado existencial, de acordo com o pensamento junguiano, acontece rumo ao desenvolvimento da própria personalidade. Para Jung (JUNG, O.C.

17, 2011), a personalidade seria a realização máxima da índole inata de um ser vivo em particular, através da adaptação a tudo o que existe através da decisão de ser fiel a uma ordem própria.

Nesta perspectiva, inevitavelmente o indivíduo se depara com coisas que ainda não tem conhecimento, habitadas em si mesmo, apesar de ver semelhanças dessas mesmas coisas no contexto onde se insere, nem sempre as reconhece em si.

A dinâmica arquetípica aponta para o poder de reorganização e de transformação da realidade psíquica. O presente estudo procurou demonstrar essa atividade psíquica, através do caminho descoberto por Narciso para encontrar-se e confrontar-se com o desconhecido que o habitava, e assim acessar seu poder de metamorfose e ressurgir como flor, indicando o nascimento de uma personalidade renovada. Narciso apresenta o rico mundo de possibilidades da psique humana, como meio de resistência contra a dissolução da atividade criadora de símbolos, que muitas vezes, se apresenta enquanto sintoma ou sofrimento psíquico, denunciando bloqueio de função básica e vital de conexão com a própria morada psicológica.

No enalço de tal intento, superar a figura que Narciso pode apresentar num primeiro momento, enclausurada na própria aparência, e testemunhar sua transformação a partir da reflexão de sua própria imagem, talvez revele a importância da via que todo protagonista deve atravessar para o autoconhecimento, mas sem sucumbir ao poder do que estava oculto, sem enlouquecer.

Interessante ainda apontar, que etimologicamente a palavra *Ética*, traz como um de seus significados, o *ethos* enquanto morada do ser, orientando para uma noção de *Ética*, fundamentada na capacidade humana de interagir e integrar o próprio íntimo.

No esforço para compreender e apresentar essas concepções através do mito de Narciso, a narrativa do mito oferecida por Ovídio foi explorada, a partir dela, procurou se destacar o trâmite que todo indivíduo realiza entre dois diferentes estados de sua

constituição psicológica, onde de um lado, encontra-se um mundo consciente e do outro, um inconsciente. Sendo assim, qualquer comportamento unilateral, pode desencadear uma reação no mundo interno do indivíduo, em total oposição de valores àquele interesse aspirado. Assim, quando o indivíduo se exalta em qualquer forma de personalismo está mascarando outra natureza que também lhe é inerente. É como se um eu se opusesse ao outro constantemente, um é consciente, vigilante, o outro é inconsciente, adormecido, despertado e acionado pelo seu oposto. A não consciência desses dois mundos e a não saudável administração entre eles, deixa sentimento desajustado, prejudicial à integração de valores opostos na dinâmica da vida individual e coletiva.

Capítulo 1: O POETA E A OBRA

1.1 : Ovídio e Metamorfoses

O autor de Narciso chamava-se Ovídio e nasceu no ano 43 a.C na Itália, um ano importante para a história romana, pois Julio César fora assassinado em 44 a. C., o que veio caracterizar uma fase de perturbada transição política para Roma. Mas Ovídio, quando começa sua carreira poética, Augusto (*princeps imperator*), já havia pacificado tudo, e a história romana vive um tempo de paz, sem guerras, conhecido como a famosa “paz romana”. Os poetas da geração anterior, como Virgílio, Horácio, participaram de tempos de grande conturbação, por outro lado, Ovídio vem de família abastada, composta de ricos cavaleiros e recebe excelente formação em retórica. Seu pai insistira muito para que ele seguisse carreira política e Ovídio realiza todos os estudos referentes a tal formação, chega perto de iniciar sua carreira política, até o determinado momento em que assume que não conseguia parar de escrever versos e decide dedicar-se a poesia, já que as musas o atraíam de forma arrebatadora.

Não demorou muito para Ovídio passar a compor um dos dois grandes grupos de poetas. Havia um grupo de poetas financiado por Mecenas, do qual fazia parte Horácio, Virgílio e Propércio, e havia outro círculo de poetas financiado por um político chamado Messala, Ovídio fazia parte desse grupo. Ovídio passa então a escrever poesia sobre o governo de Augusto, produzindo vasta obra. Mas mesmo antes dessa época, Ovidio já havia produzido bastante. Sua primeira obra foi **Os Amores**, poesia elegíaca que inicialmente é composta de cinco livros, mas numa reedição passa a possuir três, na sequência vieram **As epístolas das heroínas**, que eram cartas de amor de mulheres para seus amantes, conhecidas também como **Heróides**. Pouco tempo depois, **publicou A Arte de Amar** e em seguida vieram **Os Remédios do Amor**, nas quais na sua maneira

jocosa, Ovídio ensina o amor e como se livrar dele, atribuindo ao mesmo o caráter de uma doença. Ovídio caracteriza-se por essa maneira brincalhona de lidar com a poesia.

Conta-se que o poeta foi realmente banido em 8 a.C. por Augusto e viveu no exílio por volta de dez anos. O motivo desse exílio é muito misterioso, não se tem ao certo informações precisas que narrem exatamente o motivo do exílio. Nessa época, Ovídio abandona as poesias eróticas de sua juventude e escreve sua obra épica, **As Metamorfoses**, em 15 livros, dentro da qual encontraremos no livro III, dentro das narrativas a respeito dos célebres feitos do famoso adivinho Tirésias, a passagem da trágica história de Narciso. Depois, Ovídio ainda escreveu **Os Pastos**, onde traçou o quadro poético do calendário religioso dos romanos.

Para o professor Alexandre Hasegawa da USP, (HASEGAWA, Alexandre, Literatura fundamental 35 - Metarmofoses, de Ovídio, **Youtube**, disponível em <linkdoyoutube>), as metamorfoses de Ovídio é uma obra que se propõe inovadora, pois além de ao escrevê-la, Ovídio mudar sua métrica, ele retoma também o estilo épico de Homero e Virgílio, mas sua narrativa não traz uma ação única de um herói que caracterizava até então do gênero. Por exemplo, Homero na Odisséia narra o retorno de Odisseu para casa, Na Ilíada, é a ira de Aquiles irritado contra Agamenon se retirando da guerra, Virgílio na Eneida narra a ação de Enéias vindo de Tróia e fundando Roma. Ovídio, diferentemente de Homero e Virgílio, em nas metamorfoses não canta a ação uma de um herói apenas, mas fala de vários feitos, realizando uma compilação de vários mitos e narrando a história do mundo do seu início até o seu tempo.

Ovídio então rivaliza com a tradição propondo cantar aquilo que parecia aos olhos de alguns um defeito, cantar sem uma unidade de ação a história desde seu início até o seu tempo. Ele vai entretecendo, concatenando várias histórias sem uma unidade de ação e acaba recuperando outros poetas que não Homero e Virgílio, mas como Hesíodo. Na verdade, Ovídio não abandona totalmente esses poetas, pois ao propor cantar a história do mundo Ovídio propõe cantar tudo. ”Meu espírito me leva a cantar formas transformadas em novos corpos...”, com essa fala Ovídio inicia Metarmofoses,

propondo inovar absolutamente tudo. Conta a origem do mundo e traz também a origem e muitas palavras.

A obra metamorfoses passou a ser uma grande fonte de inspiração não só para outros poetas, mas também para pintores. Ovídio narra quase 250 histórias mitológicas que trazem como unidade a ideia de transformação, como por exemplo a espetacular transformação de Narciso em flor.

1.2: Jung, Ovídio e Narciso

Nos estudos que realizou sobre arte (JUNG, O.C. 15 cap. 6), Jung diz que o artista enquanto ser criador é uma dualidade ou uma síntese de qualidades paradoxais, sendo por um lado, uma personalidade humana, e por outro um processo criador, impessoal. Enquanto pessoa, a psicologia do artista pode ser explicada de forma pessoal, mas enquanto artista, ele é no mais alto sentido homem coletivo, portador e plasmador do inconsciente da humanidade. Para Jung, esse é o trabalho do artista, ser conduzido por esse deus misterioso que o habita. A arte seria então, em sua manifestação, uma função psicológica, e por isso mesmo, ela poderia ser submetida a considerações psicológicas, ser objeto da Psicologia. Mas apenas aquele aspecto da arte, existente no processo da criação artística, pode ser objeto da Psicologia e não aquele aspecto constituinte do próprio ser da arte. A arte em si, não poderia ser objeto de consideração psicológica, mas apenas estético-artística. Ou seja, a essência da obra de arte, não seria a mesma constituída pelas particularidades pessoais que pesam sobre ela, sua essência consistiria em elevar-se para muito além do aspecto pessoal. A arte, segundo Jung, seria proveniente do espírito e do coração, falando ao espírito e ao coração da humanidade. A obra de arte nasce de seu criador, assim como uma criança nasce de sua mãe. A psicologia da criação para Jung seria uma psicologia nascida das profundezas do inconsciente, a obra de arte em crescimento seria o destino do poeta e determinaria a sua psicologia. Por tudo isso, pode-se constatar que não é Ovídio quem faz Narciso e sim a componente anímica Narciso, quem faz Ovídio. No poema Metamorfoses do livro III de Ovídio, o Mito de Narciso é uma alusão a uma imagem

originária enterrada no inconsciente, até que a graça ou a desgraça de um tempo, de uma época a desperta. Para Jung, quando a consciência se extravía numa atitude unilateral, e por isso, falsa, imagens são delegadas aos sonhos dos indivíduos e às visões de artistas e visionários, restabelecendo assim novamente o equilíbrio, a homeostase psíquica. Os Poetas seriam como veículos de mensagens reveladoras, narrando as trajetórias e as tramas de destinos, encerrando temas bem definidos, representados por temas arquetípicos, através de imagens e correspondências típicas. O poeta Ovídio, traz à tona Narciso, através dos feitos de um profeta, conhecido como Tirésias. Essa trama, contada por Ovídio na sua obra *Metamorfoses* é toda permeada pela temática da criação do mundo, o que traz uma especificidade merecedora de destaque, já que a criação do mundo está vinculada ao conceito de metamorfose, o mesmo nome que o autor dá à sua obra. A palavra metamorfose traz o significado de transformação. Não à toa, o processo referente à transformação de Narciso na narrativa ovidiana, dá o rumo da trajetória. Narciso analisado a luz da dinâmica arquetípica, representaria a vida psíquica em trânsito do ou para o mundo arquetípico, sendo o caminho do desenvolvimento que leva a criação do mundo, mundo aqui compreendido como criação de uma nova consciência.

Capítulo 2: A PSICOLOGIA PROFUNDA DE JUNG

2.1 : Introduzindo conceitos relevantes

Consciência

A consciência poderia ser definida como a relação entre os conteúdos psíquicos e o ego, na medida em que essa relação é percebida como tal por parte deste último. O campo da consciência faria todos os conteúdos psíquicos perceptíveis aos sentidos. A existência de uma consciência individual tornaria o indivíduo consciente não só de sua vida exterior, mas também de sua vida interior. O nascimento da consciência pode ser comparado a um parto, muitas vezes sofrido, dando luz aos conteúdos advindos do inconsciente, detentor de expressiva parte dos conteúdos psíquicos que o ego necessita e deve assimilar no decorrer da existência. Da mesma forma que o meio ambiente assume

aspecto amigável ou hostil para o homem, assim também as influências do inconsciente podem representar um poder contrário, mas do qual não se possui escapatória e com o qual se deve aprender a conviver, assim como se convive com o mundo visível e a ele se adapta (HORTA, 2008).

A Psicologia Junguiana aponta dois tipos de consciência, uma adquirida através da aprendizagem, da absorção de valores sobre o que é transmitido em termos de certo ou errado e outro tipo de consciência, que enquanto fenômeno não coincide com o código moral, pois lhe seria anterior e lhe transcenderia o conteúdo. James Hillman (1984), diz que o que permitiria ao indivíduo assimilar certos princípios, como de um código moral e obedecer a determinados ensinamentos, viria de uma faculdade psicológica inata da consciência como senso de responsabilidade. A consciência teria a função de uma voz auto orientadora, uma atividade auto reguladora e auto dinamizadora da psique, adquirindo uma autoridade peculiar, como por exemplo, alterar códigos morais ou até se desfazer deles. Hillman (1984), afirma que do ponto de vista psicológico, a repressão seria a origem do mal e a integração psíquica desse mal, o fator que o redime. Quando o homem é levado ao encontro com o dilema de seus próprios valores, se estabeleceria um conflito de consciências, entre a consciência enquanto código moral e a consciência em si mesma. Desse conflito emergiria uma nova moralidade, afastada da unilateralidade, buscando uma verdade que admitiria introduzir na vida da consciência aspectos banidos para o inconsciente. Nessa amplificação, o sombrio seria transformado pela própria sombra. No processo de conscientização de qualidades sombrias, o fato de deixá-las vir à tona, permitiria inclusive a capacidade de colocá-las em cheque conscientemente. Ou seja, todas as potências necessitariam de cuidado, e se expressariam a partir de uma necessidade interna de organização psíquica.

Ego

Usando imagem muito já muito difundida de Freud, o ego seria como a ponta de um iceberg, todo o restante abaixo dele, seria o inconsciente (a maior parte que fica submersa). O ego seria aquilo que a consciência percebe, funcionando como centro,

sujeito e objeto da identidade pessoal. Ele seria o centro, mas corresponderia apenas à pequena parte da psique que é autoconsciente, que se identifica consigo mesma. É o eu, que se conhece na condição de ser. É a parte pequena que se apercebe das coisas e ocorrências, é a personalidade, numa visão que seja detectada pela consciência. Funcionaria como camada psíquica que percebe os conteúdos que estão ao seu alcance, sendo aquilo que a pessoa percebe de si. O ego enquanto “parte do iceberg que fica visível”, percebe tudo o que ocorre a sua volta, mas muitas vezes não percebe o que está mergulhado na profundidade e é daí, que surgem muitas dificuldades e conflitos. Quando se investe muito na vida do ego, dificultam-se ainda mais o papel de mediador que só ele pode realizar entre consciente e inconsciente, visto que as manifestações simbólicas possuem suas vias conscientes através do ego. Mas essa mediação só se realiza, quando o ego decide assumir conscientemente que não é ele ‘quem’ possui o controle absoluto, pois apenas nessa perspectiva poderia funcionar como ponte para o inconsciente, promovendo insights e adquirindo a possibilidade de desvendar conteúdos simbólicos e aos poucos conscientizar-se de sua real situação, transformando-a (**Ibidem**).

Inconsciente

O inconsciente englobaria os conteúdos psíquicos que não fazem parte do campo da consciência, tudo aquilo que se sabe, mas que no momento não se está pensando, tudo aquilo que antes já se teve consciência, mas que agora se esqueceu, tudo o que percebido pelos sentidos, mas que não foi notado pela mente consciente, tudo aquilo que involuntariamente, sem prestar atenção, se sente, se pensa, se recorda, se quer e se faz, todas as coisas futuras que estão tomando forma e que em algum momento chegarão à consciência, tudo isso seria conteúdo do inconsciente. A partir de Jung, o inconsciente foi dividido em dois tipos: Inconsciente Pessoal e Inconsciente Coletivo (**Ibidem**).

Inconsciente Pessoal

O Inconsciente Pessoal ou Individual corresponderia àquele inconsciente que engloba o indivíduo e sua existência particular. O inconsciente pessoal refere-se às camadas mais superficiais do inconsciente, cujas fronteiras com o consciente seriam bastante imprecisas. Contém memórias perdidas, ideias dolorosas reprimidas (esquecidas de propósito), percepções subliminares e, finalmente, conteúdos que ainda não estão maduros para a consciência. O inconsciente pessoal estaria ligado a todas as experiências pessoais. Este inconsciente individual registraria e armazenaria as informações registradas ou não pela consciência, qual sucede quando alguém está realizando uma atividade e simultaneamente outros fenômenos ocorrem a sua volta sem que sejam percebidos pela consciência. O conteúdo do inconsciente pessoal é denominado pela Psicologia Analítica de complexo (HORTA, 2008).

Complexo

Os complexos seriam agrupamentos de conteúdos psíquicos carregados de emoções. Quanto maior a emoção e o campo de associação, mais forte seria o complexo. Os complexos seriam impulsionadores da vida psíquica e se localizariam no inconsciente pessoal, registrando as experiências pessoais como conteúdos guardados, desconhecidos e que de quando em vez invadiriam a consciência. Nesses momentos se é tomado ou afetado pelo complexo, como se “outra pessoa” tomasse conta da personalidade.

Fazendo uma analogia descontraída, seria como se a psique estivesse recheada de “sacolas”, as quais possuísem cada qual, uma referência específica. Durante a infância, elas encontrar-se-iam vazias, mas a partir das experiências, que podem ser positivas ou negativas, guardar-se-iam nas respectivas “sacolas” a carga emotiva referente à determinada experiência. Por exemplo, se uma experiência negativa é vivenciada com a figura paterna, tal carga emotiva negativa preencheria a respectiva “sacola”, a qual passaria a corresponder ao **complexo paterno**. Na medida em que o indivíduo fosse se desenvolvendo, os complexos seriam preenchidos, alimentados, sempre de acordo com as emoções (HORTA, 2008).

Na adolescência, fase em que a estrutura cerebral e o ego teriam mais condições de se manifestar, apresentando determinadas questões, sem que o indivíduo muitas vezes se dê conta, os complexos eclodiriam mais enfaticamente. Como possuem conteúdo emocional, quando vêm à tona, diz-se que a pessoa se encontra afetada, ou complexada, porque de fato ela estaria sendo acometida por conteúdos psíquicos exteriorizados pelo inconsciente pessoal, esse lugar mais próximo da consciência. Muitas vezes o ego não pode dar conta desses conteúdos perturbadores, nesses momentos atitudes surpreendentes surgem, pois quando se encontra tomado por um complexo, parece mesmo surgir outra personalidade.

Inconsciente Coletivo

Haveria ainda outro inconsciente, comum a todos os seres humano, e que revelaria camadas mais profundas do psiquismo. Essas camadas se estruturariam simultânea e inseparavelmente das experiências sociais primárias, comuns a todos os seres e extratos da psique. Foi a partir de estudos e da observação de casos clínicos, que Jung concebeu esse inconsciente. As novas descobertas se fizeram nas camadas mais profundas da psique, onde se encontrariam as mais antigas emoções, como o medo, a angústia, a ansiedade, a vida e a morte. Esse Inconsciente trataria de um alicerce comum a todos os homens, dele nasceriam as raízes de todas as experiências internas fundamentais, das religiões, teorias científicas, concepções poéticas e filosóficas, Jung chamou esse inconsciente em particular de Inconsciente Coletivo. Importante atentar para a relação do Inconsciente Coletivo com o Inconsciente Pessoal e o efeito de tal encontro na função da consciência, como possibilitador de homeostase ou reorganização psíquica. A partir da existência de estruturas denominadas arquétipos, manifestações que englobam um conhecimento geral de acontecimentos, muitas vezes correspondem e explicam inúmeros conflitos que assaltam o indivíduo. O Inconsciente Coletivo age como se fosse um satélite, girando em torno da consciência e sendo responsável por imposições poderosas sobre a mesma (HORTA, 2008).

Arquétipo

Independentemente de sua origem, arquétipo se atualiza, toma forma, e então dá origem a imagem arquetípica, mas não se deve confundir a imagem com o arquétipo, pois ela seria antes uma virtualidade. Sendo assim, em vez de se falar, por exemplo, no “arquétipo da Virgem Maria”, deveria mencionar-se a imagem do arquétipo da Virgem Maria, pois o arquétipo é predisposição para configuração de imagens e não a imagem em si. Seria um mal-entendido considerá-lo como algo que possui conteúdo determinado, como se fosse uma espécie de “representação” inconsciente. É necessário sublinhar o fato de que os arquétipos não têm conteúdo determinado, pois eles só seriam determinados em sua forma e assim mesmo em grau limitado. Uma imagem primordial só teria um conteúdo determinado a partir do momento que se tornasse consciente e fosse preenchida pelo material da experiência consciente. O arquétipo em si mesmo é vazio; é um elemento puramente formal, apenas uma possibilidade de pré-formação para a produção de imagens. Seria impossível provar a existência dos arquétipos, a não ser que eles mesmos se manifestassem de maneira concreta. Os arquétipos seriam mais do que a matriz formadora de símbolos para estruturar a consciência, eles seriam a fonte que realimenta os símbolos. De noite por meio dos sonhos, de dia por meio das fantasias, os arquétipos produziriam e revigorariam os símbolos. Logo adiante, os arquétipos receberão atenção ainda mais destacada (**Ibidem**).

Self

O Self, segundo Nise Silveira, é a expressão da divindade interna no ser humano e pode ser denominado também como Si-mesmo. Self e Ego estabeleceriam uma relação de integração, na qual o Ego enquanto ponto central da consciência seria ao mesmo tempo, uma parcela do Self também. Através do Ego se chegaria ao Self. O Self seria definido como o arquétipo da totalidade e como fonte da energia psíquica. A energia que emana do Self seria tão forte, que o encontro com esse arquétipo constituiria a experiência psíquica mais intensa que o ser humano poderia vivenciar. A essa experiência, carregada de qualidades, ao mesmo tempo terríveis e fascinantes, Jung chamou Deus. Conforme as pesquisas e observações de Jung, a experiência imediata do arquétipo da divindade, denominada *numinosa*, representaria um impacto tão violento,

que o ego correria o perigo de desintegrar-se. Como meios de defesa, em face de intensa energia psíquica, para lidar com essas experiências poderosas, o ser humano teria criado rituais, os quais o tornariam capaz de lidar impunemente a experiência numinosa. As cerimônias religiosas coletivas teriam sua origem a partir de necessidades de proteção, funcionariam como anteparos entre o divino e o humano, isto é, entre o arquétipo da imagem de Deus presente no inconsciente coletivo e o ego. A relação do Self com o ego é determinante para que o sujeito vivencie o processo de individuação sem o qual ficaria estagnada a emancipação psicológica do ser humano (in HORTA, 2008).

2.2 : As manifestações do inconsciente

No célebre livro *O homem e seus símbolos* (1964), Jung faz uma distinção importantíssima entre símbolo e sinal. Segundo ele, o símbolo seria um termo ou imagem, familiar ou não, que implica alguma coisa vaga ou oculta que está para além de um significado evidente. Uma palavra ou imagem simbólica indicaria assim, alguma coisa que está para além do significado manifesto e imediato, o qual não é definido precisamente ou de todo explicado, porque existem inúmeras coisas fora do alcance da compreensão humana. Recorre-se aos termos simbólicos como representações de conceitos que não se definem, ou não se compreendem integralmente. Segundo Jung, haveria nesse contexto um aspecto inconsciente mais amplo ou Coletivo. Sendo assim, uma imagem simbólica, não deve ser confundida com o sinal, pois este possui a função de indicar objetos já reconhecidos e ao qual já se encontra ligado. Para Jung, interpretar um símbolo enquanto sinal pode perturbar consideravelmente todo o valor que compreende a verdadeira natureza simbólica. O símbolo age como investimento do inconsciente no consciente, imbuído da perspectiva de comunicar algo escondido, desejoso de fazer-se presente. A partir do símbolo, o inconsciente se relaciona com o consciente, mas até a aparição do material simbólico no consciente, diversos fenômenos ocorrem dentro da psique, como forma de organização, que se realiza através de estruturas que se relacionam entre si no íntimo da psique. Essa relação se dá a partir de uma linguagem simbólica, o inconsciente ao dialogar com o consciente, o faz nessa linguagem simbólica que lhe é própria. Sonhos, mitos, contos de fada, manifestações artísticas, todas essas construções, de acordo com Jung, teriam como base, a capacidade

de configurações para imagens, as quais ele denominou imagens arquetípicas, e são essas configurações que ainda no inconsciente, estruturariam a manifestação simbólica, antes de essa tornar-se consciente e efetivamente um símbolo. Pode-se dizer assim, que o arquétipo é um símbolo em potencial. (JUNG, 2010, 8/1 § 88).

A mediação que ocorre entre consciente e inconsciente, a partir das manifestações simbólicas, possui sua via consciente através do ego, que assim como o próprio símbolo, possui aspectos conscientes e inconscientes. Essa mediação só se realiza, quando o ego conscientemente aceita não estar no controle de tudo, pois nessa perspectiva pode servir como ponte para o inconsciente, promovendo insights e adquirindo a possibilidade de desvendar conteúdos simbólicos e aos poucos conscientizar-se de sua real situação.

Ao sugerir os símbolos como representação de conflitos que se estabelecem entre as duas posições psíquicas, Jung atenta para a consequência desastrosa da não integração desses conflitos de forma consciente. Ressaltando que esses mesmos conteúdos inconscientes estão na realidade “desejosos” de relação, objetivando a homeostase psíquica, destaca que somente as conquistas que venham a incorporar ao consciente, os traumas, conflitos, além de todo um potencial desconhecido, poderão proporcionar processos de ampliação e diferenciação da consciência para além dos limites habituais, possibilitando uma forma mais abrangente de compreensão da vida. Indo mais além, Jung indica que a grande dificuldade de se entender e perceber plenamente as coisas, esta veiculada com a limitação que os sentidos impõem à percepção do que está em torno do indivíduo. Afirmando que nem mesmo instrumentos científicos empregados para compensar essa deficiência, evitam um limite de evidências e de convicções que o conhecimento consciente não consegue ultrapassar. Tais evidências, Jung denominou de aspectos inconscientes da percepção da realidade. O primeiro fato para explicá-los seria que, mesmo quando os sentidos reagem a fenômenos reais, a sensações reais e auditivas, tudo seria de certa maneira transferido da esfera da realidade para a esfera mental. Dentro da mente, esses fenômenos se transformariam em acontecimentos psíquicos cuja natureza extrema é desconhecida. A psique não pode conhecer sua própria substância, sendo assim toda experiência contém

um número indefinido de fatores desconhecidos. Além disso, certos acontecimentos que permaneceriam abaixo do limiar da consciência, acontecimentos absorvidos subliminarmente, sem conhecimento consciente, só poderiam ser percebidos em momentos de intuição ou por um processo de intensa reflexão de que muito possivelmente, tenham acontecido. E apesar de ignorados originalmente na sua importância emocional e vital, esses acontecimentos retornariam do inconsciente como uma espécie de segundo pensamento. Este segundo pensamento apareceria na forma de um sonho. E geralmente o aspecto inconsciente de um acontecimento é revelado através dos sonhos, através dos quais se manifesta sempre como imagem simbólica e não como um pensamento racional. Um processo de reflexão intensa também pode revelar a aparição de aspectos inconscientes de determinados acontecimentos (**Ibidem**).

Por tudo isso, do ponto de vista histórico, foi através do estudo dos sonhos que psicólogos investigaram o aspecto inconsciente de ocorrências psíquicas conscientes e foi fundamentalmente baseado nestas observações, que psicólogos admitiram a existência de uma psique inconsciente, apesar de muitos cientistas e filósofos negarem-lhe a existência, argumentando que tal pressuposição implicaria a existência de dois “sujeitos” ou de duas personalidades dentro do mesmo indivíduo. Mas curiosamente para Jung, seria exatamente isso que implicaria a existência do inconsciente, e isto para ele, não seria de forma alguma um sintoma patológico, pelo contrário seria um fato natural observado em qualquer época e em qualquer lugar. Sendo assim, negar a existência do inconsciente, seria como admitir conhecimento absoluto da psique. E isso, segundo Jung, seria uma suposição tão falsa quanto à pretensão de tudo saber a respeito do universo físico. A psique fazendo parte da natureza teria assim como ela, seu enigma, assim sendo, não se defini nem a psique, nem a natureza, mas se pode perfeitamente descrever o que delas se constata (**Ibidem**).

Nesse sentido se pode admitir que um sonho contenha outra mensagem para além da alegoria sexual. Somente aquele material que é parte clara e visível de um sonho, tem seus próprios limites, sendo a própria forma específica do sonho, que demonstra o que à ele pertence e o que dele se afasta, como material original do próprio sonho. Por isso o método junguiano se assemelha a um movimento circulatório, tendo

por centro a imagem do sonho e desprezando qualquer tentativa do sonhador para dela escapar. Dessa maneira, diferentemente da livre associação utilizada por Freud, mantem-se o mais próximo possível do sonho, excluindo todas as ideias e associações irrelevantes. Mesmo concordando que tais ideias e associações pudessem levar aos complexos do analisando, o objetivo é ir além da descoberta de complexos. O método junguiano, propõe o conhecimento e entendimento da organização psíquica da personalidade global de uma pessoa, avaliando assim qual a relevância da função dos sonhos e de suas imagens simbólicas. A história narrada pelo espírito consciente normalmente tem início, meio e fim, já com o inconsciente e por conseguinte com o sonho, isso não acontece. Pois suas dimensões de espaço e tempo são diferentes. Então para entender o sonho seria necessário examiná-lo sob todos os seus aspectos; exatamente como quando se toma um objeto desconhecido nas mãos e o revira até se familiarizar com seus detalhes. A psicologia junguiana compreende que a função geral dos sonhos, é buscar restabelecer a balança psicológica, produzindo um material onírico que reconstitui, de maneira sutil, o equilíbrio psíquico total. É o que Jung chamou de função complementar (ou compensatória dos sonhos na constituição psíquica). Para Jung, o sonho procura compensar, deficiências de personalidades e até prevenir dos perigos (**Ibidem**).

Mas de fato os símbolos não ocorrem apenas nos sonhos, eles aparecem em todos os tipos de manifestações psíquicas. Haveria muitos símbolos cuja natureza e origem não seriam individuais se sim coletivas. As imagens religiosas, por exemplo, seriam representações coletivas procedentes de sonhos primitivos e de fantasias fecundas. Haveria assim, um elo crucial entre os mitos primitivos e os símbolos produzidos pelo inconsciente, o que a propósito, traz grande valor prático para os analistas, permitindo identificar e interpretar símbolos em um contexto que confere tanto uma perspectiva histórica quanto um sentido psicológico. Símbolos da antiguidade seriam análogos aos elementos simbólicos dos sonhos, sendo manifestações originais da estrutura básica cultural da psique inconsciente coletiva, cujo principal produto é a formação e manutenção da identidade de um povo (**Ibidem**).

Tudo que habita no inconsciente, nem sempre é o que se quer ver, mas o fato, é que esses conteúdos parecem querer e fazer de tudo para aparecerem. A função transcendente, segundo Jung, é a função psicológica responsável pelo aparecimento desse conteúdo. A essência da função transcendente é transcender um espaço de separação psíquica existente entre consciente e inconsciente, visto que esses raramente estão de acordo, no que se refere a conteúdos e tendências. Mas, segundo Jung, o ser humano possui essa Função Psicológica Transcendente, a qual tem por objetivo a união dos conteúdos conscientes e inconscientes. Portanto, podemos pensar a transcendência como um projeto de ponte, que é construído, a partir da aparição simbólica ou do produto da função transcendente, manifestos através de imagens correspondentes às emoções. Para Jung, é pela imagem, que se penetra fenomenologicamente no psiquismo. Ainda segundo Jung, esse desacordo entre inconsciente e consciente, tem seu propósito, estando longe de ser acidental. O inconsciente se comporta de maneira compensatória em relação à consciência e vice-versa, uma dimensão complementa a outra, o que nos leva a entender, que existe na verdade uma tendência a relacionar-se. Ou seja, há relação, mas faz-se necessária certa postura consciente, para que essa relação não permaneça apenas a nível inconsciente (JUNG, O.C. 8/2, 2011).

A razão pela qual a consciência inibe determinado conteúdo do inconsciente, relaciona-se com a possibilidade dessa situação estar ligada ao desenvolvimento do ego. E a questão provavelmente se refere aos sacrifícios ou trabalhos impostos à consciência através da decisão de relacionar-se com esse ou aquele conteúdo. Sendo a consciência um processo momentâneo de adaptação, todo material considerado incompatível com essa adaptação, é censurado e mergulha no inconsciente. Mas nenhuma adaptação é definitiva, há um fluxo na vida e conseqüentemente um frequente reajustamento do fluxo psíquico, sendo justamente a partir desse confronto com o material inconsciente, que a consciência pode se diferenciar, se ampliar e cada vez mais usufruir de um significado e de um sentido mais interessante para a vida. A função transcendente é um terceiro elemento, emergente do processo de aproximação dos conteúdos inconscientes e do ego (eu), ou do centro da consciência. Esse processo que tem como objetivo que o ego adquira a possibilidade de seguir no caminho da diferenciação, da ampliação, foi o que Jung chamou Processo de Individuação (JUNG, O.C. 8/2, 2011).

O ego tem seu desenvolvimento fixado na experiência corporal, nas concepções de tempo e espaço. Para seguir no caminho da individuação, precisaria desapegar-se do corpo, mas sem desrespeitá-lo e ao mesmo tempo, tornar-se capaz de servir à psique, à alma, num caminho de integração das polaridades, das antinomias, o que requer fundamentalmente uma postura diferenciada, para a confrontação e integração com o diverso do inconsciente, esse manancial de potencialidades repleto de fluxo energético voltado para a realização de seus conteúdos. Porém viver essa transcendência e assumir desejos que moralmente estão censurados, dar legitimidade à um sofrimento vivenciado de forma ilegítima não é nada fácil, é preciso muita dedicação para usufruir de um processo de elaboração e produção simbólica. O ponto de vista é essencial em cada processo de confrontação com o inconsciente, ou seja, a postura assumida pelo ego deve receber o mesmo valor no processo que o inconsciente, e vice-versa. Isto constituiria uma advertência importante, pois justamente, do mesmo modo que a consciência do homem civilizado exerce uma influência limitadora sobre o inconsciente, assim também o inconsciente novamente descoberto agiria perigosamente sobre o eu. Assim como o eu reprimiria o inconsciente, este último quando libertado pode sucumbir o ego. O perigo, segundo Jung, estaria em “perder a serenidade”, isto é, em não poder mais defender sua existência contra a pressão dos fatores afetivos, situação encontrada no início da esquizofrenia. Não haveria esse perigo ou ele não existiria de maneira tão aguda se a confrontação com o inconsciente pudesse se desfazer da dinâmica de afetos. Isso aconteceria na estetização ou se intelectualização da posição contrária. A confrontação com o inconsciente necessitaria ser multilateral, pois a função transcendente não é um processo parcial que se desenvolve de maneira condicional, mas seria antes, um acontecimento integral em que se acham incluídos, ou melhor, em que deveriam estar incluídos todos os aspectos em questão. O afeto então deve desdobrar todos os seus valores. A estetização e intelectualização do par de opostos são armas excelentes contra afetos perigosos, mas só devem ser empregados quando houver uma ameaça vital, e não como destaca Jung, para se furtar a uma obrigação necessária. A confrontação, portanto, não justifica apenas o ponto de vista do eu, mas confere igual autoridade ao inconsciente. A confrontação é conduzida a partir do eu, embora deixando que o inconsciente também fale, pois é preciso que se ouça também a outra parte. (JUNG, O.C. 8/2 2011, p.35, §183 - 185).

Schwartz-Salant (1982), também alerta contra a identificação do ego com a imagem, ressaltando os perigos de um estado de fusão com as origens arquetípicas, por temor de uma perda que amedronta. Não por outro motivo, Jung propõe “circuambular” em torno das imagens, não se afastar muito delas é fundamental para se chegar à um sentimento, mas todo cuidado é indispensável para que o processo aconteça de forma salutar e não avassaladora. O trabalho analítico é um trabalho imaginativo, pela busca da imagem que faz alguém sentir o que sente. Transcender tempo e espaço, lidar com emoções, permitem produções criativas, que são formas valiosas de se contribuir para o processo de reorganização psíquica. Nesse processo, importa perceber que ninguém é uma coisa só, para tanto, desenvolver diálogo interior ajuda na percepção do tipo de influências que podem habitar e habitam no psiquismo, num ritmo que respeite o processo individual, é possível encontrar a melhor escolha de cada vez mais conscientemente lidar com as forças inconscientes.

2.3 : Relação Consciente e Inconsciente

Como um acesso direto ao inconsciente não é possível, este só se deixa conhecer por meio da consciência, essa seria a representante, o ponto de partida para todo o conhecimento psicológico. O campo da consciência seria então, a fonte de todos os conteúdos perceptíveis aos sentidos. Seria justamente a existência de uma consciência individual, que tornaria o homem consciente não só de sua vida exterior, mas também de sua vida interior. Da mesma forma que o meio ambiente assumira um aspecto amigável ou hostil para o homem primitivo, assim também as influências do inconsciente parecem possuir um poder contrário com o qual se deve conviver como se convive com o mundo visível. A conquista da consciência poderia ser equiparada a um parto muito doído do inconsciente, detentor de expressiva parte dos conteúdos psíquicos que o ego necessita e deve assimilar. Ego seria aquilo que percebemos na consciência, funcionando como centro, seria aquilo que se chama sujeito e o objeto da identidade pessoal. Seria o centro, mas não a totalidade da psique. Antes corresponderia a pequena parte da psique que é autoconsciente, que se identifica consigo mesma. É o eu, que se

conhece na condição de ser. É a parte pequena que se apercebe das coisas e ocorrências, é a personalidade, numa visão que seja detectada pela consciência. Funciona como a camada que percebe os conteúdos que estão ao seu alcance, sendo aquilo que se percebe de si mesmo. A consciência se definiria pela relação dos conteúdos psíquicos com o ego, na medida em que essa relação é ou vai sendo percebida pelo mesmo.

Já o inconsciente engloba os conteúdos psíquicos que não fazem parte do campo da consciência, tudo que sabemos, mas que no momento não estamos pensando, tudo aquilo que antes tínhamos consciência, mas que agora nos esquecemos, tudo o é percebido pelos nossos sentidos, mas que não foi notado pela nossa mente consciente, tudo aquilo que involuntariamente sem prestar atenção, sentimos, pensamos, recordamos, queremos e fazemos, todas as coisas futuras que estão tomando forma em nós e que em algum momento chegarão à consciência, tudo isso é o conteúdo do inconsciente. Tudo que habita no inconsciente, nem sempre é o que se quer ver, mas é fato, que esses conteúdos querem e vão aparecer. E há uma função psicológica responsável pelo aparecimento desses conteúdos, a função transcendente. A essência da função transcendente é transcender um espaço de separação psíquico existente entre consciente e inconsciente, visto que esses raramente estão de acordo, no que se refere a conteúdos e tendências. Mas, segundo Jung, o ser humano possui essa Função Psicológica Transcendente, a qual tem por objetivo a união dos conteúdos conscientes e inconscientes. Portanto, podemos pensar a transcendência como um projeto de ponte, que é construído à medida que, a partir da aparição simbólica, que é o produto da função transcendente, se chega às imagens que correspondem às nossas emoções. Para Jung é sempre na imagem, que se pode penetrar fenomenologicamente.

Segundo Jung, (JUNG, O.C. 8/2, 2011, p. 13), esse desacordo entre inconsciente e consciente, tem seu propósito, estando longe de ser acidental. O inconsciente se comporta de maneira compensatória em relação à consciência e vice-versa, uma dimensão complementa a outra, o que nos leva a concluir, da existência de uma tendência a relacionar-se. Ou seja, há relação, mas faz-se necessário uma postura diferenciada do ego, para que essa relação não permaneça apenas a nível inconsciente.

O símbolo como ponte epistemológica entre consciente e inconsciente é o fenômeno psíquico passível de investigação. Ele congrega o âmbito pessoal e coletivo, a dimensão histórica e universal dos eventos psíquicos, e coloca-se como elemento a ser apreendido e assimilado quando elaborado.” (PENNA, 2014, pág. 87).

Assim como o próprio ego, o símbolo, também possuiria aspectos conscientes e inconscientes, revelados somente para quem o observa, o contempla. Toda manifestação simbólica, que se traduz numa mensagem geradora de amplificação, estabelece novas relações, as quais organizam a vida a partir do nosso passado, da nossa história (lembrada ou esquecida), mas sempre com uma perspectiva futura. Sendo assim, essa busca baseia-se numa prospecção, incitando a compreensão da vida, através de um processo de busca de significado, de sentido para a própria vida.

O símbolo desejaria ser vivenciado como a expressão de algo desconhecido, seu conhecimento seria sempre um talvez. É esse desconhecido, que Jung denominou símbolo vivo, esse que não poderia ser criado intencionalmente pelo homem, por sua consciência, mas seria sempre um acontecimento que demandaria por parte do ego, uma atitude de sacralidade com as produções do inconsciente, como se as mensagens enviadas por ele, tivessem sido enviadas por Deus. Deus compreendido aqui como o totalmente outro, ou a expressão máxima da alteridade do outro. Os deuses seriam uma grande metáfora das estruturas autônomas do psiquismo humano. Por esse motivo, a mitologia e seus motivos, para o discurso psicológico, é algo que deve ser levado muito a sério.

2.4 : A importância da teoria arquetípica e das produções míticas

Há na Psicologia Analítica, um postulado, que diz respeito à existência de um a priori arquetípico. Falar de Psicologia Analítica ou Junguiana é falar de uma psicologia profunda, encaminhada para o inconsciente e fundamentada sobre a dinâmica dos

arquétipos, que são as estruturas básicas da psique inconsciente coletiva, e as quais possuem como base de atuação a imagem.

O Inconsciente Coletivo poderia ser comparado ao oceano, o eu a um barquinho sobre as suas águas e os peixes nele contido aos conteúdos inconscientes autônomos, todos formando juntos um conjunto vivente, no qual vivem com ou por meio um do outro. A concepção de uma realidade inconsciente original, como dado a priori, criativo e atuante, sobre a realidade consciente, seria fundamental para a perspectiva de ser e mundo em Jung. Nessa perspectiva a psique humana se distinguiria como uma totalidade composta por aspectos coletivos e por aspectos adquiridos pela experiência de relação com o mundo, parte que caracterizaria a psique pessoal ou individual. Mas, mesmo essa parte, seria resultante de um potencial arquetípico que se atualizaria no corpo, assim como no contexto histórico e social (PENNA, 2013).

Segundo Aniela Jaffé (2012), Jung chegou à conclusão teórica de que a verdadeira natureza do arquétipo enquanto conteúdo do inconsciente coletivo permaneceria desconhecida, e como tal, não suscitaria uma definição final ou inequívoca. A partir de então, Jung o teria descrito como “Psicóide” ou “quase psíquico”. Jaffé conta que, anteriormente, Jung teria usado o termo arquétipo pela primeira vez, ao fazer uma comparação entre o arquétipo enquanto fator estruturante na esfera psíquica, e o instinto enquanto fator estruturante no reino biológico, como organizador da natureza a priori. A partir daí os motivos arquetípicos poderiam ser entendidos como a expressão de um conhecimento a priori, um pré-conhecimento de um comportamento se adequando as situações da vida, assim como os padrões de comportamento instintivo.

Já Marilyn Nagy (2003) ressalta que, ao empregar o termo arquétipo como a expressão da autonomia psíquica, Jung teria finalmente superado a ideia de arquétipo como modelo de comportamento. O arquétipo teria a ver com emoção, afetividade, e esse seria inclusive além do material da concepção de arquétipo, a própria substância do real para Jung. A concepção de arquétipo e sua relação com a imagem teriam possibilitado a aproximação com temáticas da experiência humana, que reaparecem sempre em toda parte, inclusive nas trajetórias de personagens mitológicos.

Para James Hillman (1995), criador da Psicologia Arquetípica, todas as formas de atividade humana seriam arquetípicas, padrões de relacionamento seriam expressos arquetipicamente. O autor trata os arquétipos enquanto estruturas básicas da imaginação, dizendo que a natureza fundamental dos arquétipos só seria acessível através da imagem. A imagem apresentar-se-ia como fenômeno, sendo o primeiro dado psicológico da imaginação e possuindo múltipla relação de significados.

Ernest Cassirer (2004), referindo-se também às atividades humanas, diz que as mesmas se encontrariam num nível de substrato básico, funcionando como condição do pensar e sentir míticos, uma espécie de “arquipotência”, concebida enquanto função simbólica, a qual Cassirer situa enquanto metáfora. Seria a partir da metáfora, que a construção das duas vertentes da linguagem, o *logos* e o mito se realizariam. Para Cassirer, o homem teria sido levado a falar metaforicamente, para poder expressar suas necessidades sempre crescentes. Sendo assim, para de fato se compreender a mitologia, seria preciso assentir que há muitos séculos, ela teria sido algo absolutamente necessário para o desenvolvimento da linguagem e da razão. Sem essa metáfora, considerada por Cassirer como metáfora fundamental, como mitologia universal, seria impossível apreender e reter o mundo exterior.

Novamente acompanhando Hillman (1995, p. 44), os relatos míticos funcionariam como a própria linguagem psicológica, devendo ser compreendidos enquanto metáforas, dessas que abrem para as questões da vida. O que possibilita enxergar o cotidiano a partir dos dramas e cosmogonias das figuras míticas. Hillman destaca o estudo da mitologia como sendo muito importante para o reconhecimento de eventos em contrastes com seu fundo mítico, possibilitando a experiência da vida psíquica miticamente. Hillman (2010) aponta ainda, para uma retórica pertencente ao arquétipo, sugerindo uma base poética da essência da vida. Diz, que assim como existem estilos, gêneros de escrita, também existem estilos ou gêneros narrando o desenvolvimento do ego, modos através dos quais a narrativa de um arquétipo

procuraria persuadir e fazer crer em determinado mito, em determinada trama; as quais seriam reveladas através de oráculos, de epifanias de imagens. A reflexão literária destaca Hilman, desvelaria o quanto se pode estar ignorante, inconsciente e cego em relação ao que é subjetivo, em relação aos deuses e mitos que constituem o universo psíquico, os quais estão na própria retórica aguardando o momento de persuadirem através de suas revelações. A forma como se conta o que acontece, fala do modo como se imagina e se vive a vida. Segundo Hilman, a maneira pela qual se conta a si mesmo e depois aos outros, um acontecimento, caracteriza o gênero através do qual os eventos se tornam experiências. A imagem na sua maneira de revelar padrões arquetípicos seria o primeiro meio através do qual a experiência se tornaria possível. Para algo se tornar consciente, seria necessário então, grande esforço de tradução por parte da consciência, pois ela seria 'enredada' pelo inconsciente que é constituído por uma linguagem de expressão imagética, enquanto que a consciência teria como linguagem o discurso, a palavra. Não por outro motivo, Jung valorizou sobremaneira a linguagem mítica, porque o inconsciente é do domínio das coisas que escapam a linguagem, por esse motivo, muitas das experiências mais raras e mais singulares seriam mudas.

A doutora Nise da Silveira (HORTA, 2008) renomada psiquiatra e grande estudiosa da Psicologia Analítica e de Mitologia, afirmava que todo material mitológico, surgido nos conteúdos inconscientes das pessoas é saudável. A doença mental segundo ela se dá basicamente quando o indivíduo se torna prisioneiro desses conteúdos, dessas imagens. Ela defendia a mitologia como sendo um instrumento de trabalho de uso cotidiano indispensável à prática psiquiátrica, colocando o desafio, de descobrir o mito de cada um. Sua contribuição para a Psicologia se deu através de grande esforço para destacar a importância do estudo sobre as imagens do inconsciente, teve como objetivo maior, ou principal, alcançar a imagem sem palavras e encontrar a imagem mítica.

Histórias arquetípicas, como os mitos, encerrariam representações de acontecimentos psíquicos, assim como os sonhos. Mas, enquanto os sonhos apresentavam-se sobrecarregados de fatores de natureza pessoal, as histórias arquetípicas já encenariam os dramas da psique humana com materiais pertencentes a todos os homens. Elas revelariam esses dramas na sua estrutura primitiva, já que possuem origem nas camadas profundas do inconsciente, comuns a todos os seres humanos. Por essa razão,

seus temas reapareceriam de maneira tão evidente nas narrativas de países distantes, em épocas diferentes e com poucas variações.

2.5 : Princípios da psicologia analítica: Processo de Individuação, Teleologia e Sincronicidade

Descrever o Processo de Individuação, não é tarefa fácil, conceito central desenvolvido na psicologia analítica. A noção de Teleologia é fundamental para nos aproximarmos da essência do Processo de Individuação, que de acordo com Jung é um processo de diferenciação psíquica, que o indivíduo vivencia durante toda sua vida e que tem como objetivo o desenvolvimento da personalidade (JACOBY, 1990. pág. 108, tradução nossa). A psique se apresentaria como um sistema dinâmico, em que a energia fluiria em busca de equilíbrio, todo evento psíquico seria forjado numa relação de causa e finalidade (PENNA, 2013, p.205).

Todo processo de organização psíquica desde o nascimento, teria como objetivo o desenvolvimento da personalidade do indivíduo, toda manifestação psíquica (sonho, ato falho, sintoma, etc.) estaria imbuída de uma intencionalidade, ou melhor, possui um propósito/finalidade que serve a totalidade da psique. Essa é a perspectiva teleológica que levaria a questionar sempre a finalidade de uma dada manifestação psíquica. Considerar esse aspecto é de importância vital, pois significa considerar o indivíduo como uma totalidade em grande parte desconhecida por ele mesmo, e que para superar esse desconhecimento necessitaria compreender a função/propósito de cada manifestação psíquica. A orientação teleológica está associada com a noção de que todo organismo possui uma finalidade presente desde o início e todo desenvolvimento visa alcançar essa finalidade. Um exemplo bem simples e ilustrativo apresentado por Aristóteles seria o processo natural que faz com que a semente se torne irremediavelmente o que sempre foi em potência, ao seguir o impulso natural de transformação daquilo que lhe completa, que é ser “árvore”. Assim como a semente, todo organismo traria em si um impulso natural/vital o impelindo ao desenvolvimento. Para Jung a vida seria teleologia por excelência, indicando sempre um sentido maior, agindo como uma espécie de “atrator” na existência, levando à uma espécie de luta intrínseca que direciona para uma meta. O organismo vivo seria um sistema de

objetivos e de instintos procurando se concretizar, assim como haveria um caminho de desenvolvimento biológico, psicologicamente também haveria. Como se fosse preciso encontrar e viver o mito do significado da vida seria a respeito disso que trataria o Processo de Individuação de Jung.*

Outro princípio com o qual a Psicologia Analítica trabalha além da noção de Teleologia é o Princípio de Causalidade. Por causalidade, Jung queria dizer, que o homem seria o resultado de sua história e de tudo aquilo que passasse por ele. Sendo o resultado de uma história, teria então a noção de quem é, do seu passado e de como chegou onde está. O homem seria resultado de tudo aquilo que lhe aconteceu, de tudo que fez parte da história. O terceiro princípio com o qual a psicologia junguiana também trabalha é a Sincronicidade. Etimologicamente a Sincronicidade se relacionaria, com a simultaneidade, mas a melhor definição para a sincronicidade seria a Coincidência Significativa. Poder-se-ia dizer que a sincronicidade seria como um princípio explicativo que se coloca, quando a causalidade não dessa conta de explicar determinado acontecimento. Mas quando se fala em causalidade, costuma se estabelecer uma relação de causa e efeito. Pegando novamente um empréstimo de Aristóteles a respeito das causas, haveria pelo menos quatro tipos de causas, a causa material, a causa formal, a causa eficiente e a causa final. De modo genérico, se poderia pensar que a causa material diz respeito à matéria de que algo seja feito; a causa formal trata da forma que algo adquire, a causa eficiente se ocupa de quem executa a construção de algo e pôr fim, a causa final é aquela que é gerada em função de uma finalidade. A Sincronicidade se relaciona diretamente com a causa final de Aristóteles, já que traz como objetivo o enigma de uma mensagem que deseja ser compreendida, ainda que não esteja explícita. A libido, ou o fluxo de energia psíquica é movido por uma causa final, há uma força geradora inconsciente, representada por Jung através do que ele designou como Self, que seria o centro regulador de todo o psiquismo, e seria a causa que impeliria para um fim ou para a realização do Processo de Individuação, compreendido enquanto emancipação psicológica, traduzida por um constante vir a ser.

* Baseado na explicação dada por Simone Magaldi no Congresso Junguiano online do Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa, junho de 2016.

Capítulo 3: CONTEXTO METODOLÓGICO E EPISTEMOLÓGICO

(...)De modo geral a epistemologia refere-se ao estudo dos fundamentos, origem, natureza, valor e limites do conhecimento no âmbito de um modelo científico ou filosófico. A questão epistemológica mantém estrita conexão com a proposta metodológica e as vezes é difícil distinguir seus limites, exceto pela aplicação dos pressupostos epistemológicos à prática, esses mais ligados à metodologia. ” (PENNA, 2013, pág. 154).

Para Penna, o método junguiano é hermenêutico desde a sua base, ao propor a tradução dos aspectos incógnitos do símbolo para a linguagem da consciência. Após traduzir a mensagem contida no símbolo, uma nova linguagem se construiria, refletindo a assimilação de um conhecimento novo. Resgatar símbolos seria assim, criar possibilidade de acesso ao conteúdo do inconsciente (os arquétipos), pois o símbolo seria a forma manifesta do arquétipo, essa aproximação, traria como consequência, a vivência de um sentido de vida novo, ampliado, relacionado à um conhecimento maior do mundo e de si mesmo. Através do processamento simbólico ou do pensamento simbólico, poderia se dizer que o contexto metodológico da Psicologia Junguiana é em sua abordagem, de caráter hermenêutico, pois procura se colocar diante do símbolo, de modo a compreendê-lo, a assimilá-lo conscientemente. Jung se inscreveria no pensamento hermenêutico contemporâneo ao tornar possível construir uma rede de associações em torno de imagens, possibilitando a partir daí, tecer relações de correspondência com o funcionamento da psique. Esse método de amplificação, não se reduziria somente a atividade intelectual de efetuar ligações, mas também a capacidade de fazer novas leituras do símbolo e chegar a novas sínteses. (PENNA, 2013),

“Essa atitude diante do fenômeno psíquico, baseia-se na concepção de um inconsciente criativo e na hipótese de um princípio organizador da psique, e disso decorre a hipótese do símbolo conter um sentido a priori, independente da consciência” (JAFFÉ, 1989).

De acordo com Hillman, (1995), a hermenêutica começaria com os mitos e com as figuras míticas, não com um caso. Para ele, seria necessário, fazer uma leitura em direção às profundezas, para se alcançar a compreensão psicológica das fantasias que ocorrem no comportamento do indivíduo. Seria necessário encontrar espaço e compreensão para as imagens, antes de seus exemplares. Essa seria a maneira mais indicada para se decifrar configurações muitas vezes grotescas, patologizadas. Para Hillman, a psique teria a autonomia de criar doenças, desordens, sofrimentos em qualquer aspecto do seu comportamento, objetivando a experiência da imagem ainda que em uma perspectiva deformada e aflita. Antes da cura, a psique necessitaria de uma reavaliação. Hillman chama a atenção para o fato de que seria principalmente através dos ferimentos decorrentes da vida, que os deuses penetrariam. A patologia seria uma maneira mais palpável de testemunhar os poderes que estariam para além do controle do ego.

“Circuambular” em torno das imagens e não se afastar muito delas, seria a chave para se chegar aos sentimentos, às emoções. Os sentimentos energizariam as imagens pois não seriam estritamente pessoais, pertenceriam por assim dizer, à realidade da imagem. Os sentimentos ajudariam a imagem a ser sentida com um valor específico, elaborariam a sua complexidade apesar de serem tão complexas quanto a imagem à que pertencem. O movimento é de tentar individualizar a emoção, restituindo os sentimentos pessoais às imagens, pois qualquer emoção não diferenciada por uma imagem específica seria insipiente, permaneceria ainda coletivizada e des-individualizada. Por isso, o trabalho analítico seria sempre um trabalho imaginativo, pela busca de encontrar qual imagem faria alguém sentir o que está sentindo. Essa estratégia orientaria para um rodear o símbolo, como um modo de proceder que requer a concentração na imagem, para que se possam descobrir os elos associativos possíveis de agrupar em torno de uma figura particular. O símbolo pode ser assim entendido, como a melhor tentativa de se formular algo desconhecido, e o que dele poderia se pensar seria sempre da ordem de uma aproximação, nunca de um esgotamento, por isso, a tradução completa de algo, Jung teria chamado signo (BERNARDI, APUD GOUVEA, 2008, p. 72).

A narrativa mítica seria revestida de valor simbólico, a esse respeito, Cassirer (2004), aborda as implicações de uma investigação sobre as condições de possibilidade do mito enquanto um *factum* comparável à realidade. A questão da origem da linguagem, diz Cassirer, estaria indissolúvelmente ligada à origem do mito, haveria uma verdade imanente contida nas imagens dos mitos, que através de uma expressão criadora, traria legalidade e liberdade para uma nova forma de consciência. Corroborando com essa linha de pensamento.

Sousa, (2002, p. 31), diz que a expressão humana que melhor apresenta a ideia de inconsciente coletivo de Jung seria o pensamento mítico. Segundo Sousa, Cassirer teria concebido o pensamento mítico e Jung o inconsciente coletivo, como expressões de emoções tornadas imagens.

Segundo Walter Boechat, os Mitos descreveriam simbolicamente o Processo de Individuação e seus estágios, histórias simbólicas, desdobram-se em imagens que tratam das verdades dos homens de todos os tempos (BOECHAT, 2008, pág. 21). Ainda segundo o mesmo autor, a psique tem a capacidade natural e espontânea de produzir imagens mitológicas ou imagens arquetípicas, nas mais variadas situações do cotidiano (BOECHAT, 2007, pág. 13).

O inconsciente coletivo produz invasões no campo da experiência de um único indivíduo e de tempos em tempos cria novos núcleos de histórias mantendo vivos os materiais já existentes, é como se determinadas histórias viessem reforçar antigas crenças, modernizando, trazendo novas versões à antigas idéias. Estes eventos psicológicos, que sempre atingem um indivíduo em primeiro lugar, seriam o ponto de partida e ao mesmo tempo o fator que mantém vivos os temas arquetípicos. Histórias arquetípicas se originariam das experiências de irrupção de algum conteúdo inconsciente. Nas sociedades primitivas, por exemplo, quase nenhum segredo ficava guardado, as experiências eram sempre comentadas, ampliando-se em outros temas existentes que as complementavam (FRANZ, 2005, p. 31).

As histórias arquetípicas ou simbólicas expressam experiências reveladoras,. Como por exemplo orientações indicando à busca de conhecimento da problemática existencial, algo que não encontra facilmente, respostas racionais, mas que pode encontrar uma via de resposta nos mitos. A imagem arquetípica, não seria apenas um pensamento padrão, seria especialmente a experiência emocional de um indivíduo, o que quer dizer que só possuindo um valor emocional e afetivo, a imagem pode ter de fato alguma significação (FRANZ, 2005, p. 19)

/

O enigma colocado, por exemplo, pela imagem de Narciso, refletida em águas cristalinas, como narrado no mito, propõe um enigma simbólico que exige uma resposta também simbólica. Assim, para além da narrativa, é de extrema importância a imagem, pois esta é sempre a forma como a psique se manifesta, sendo a 'linguagem' estabelecida para a sua própria compreensão.

Segundo Nagy (2003), Jung não delineou uma posição epistemológica formal, mas através de grande número de afirmações que vieram a conhecimento de todos que o estudam, é possível obter uma representação consistente de suas posições filosóficas. Os antecedentes imediatos da epistemologia de Jung se encontrariam principalmente junto aos filósofos idealistas. Embora existam vários tipos de idealistas, o idealismo filosófico ao qual a autora se refere, relacionaria-se com o entendimento de que todo o mundo físico existiria apenas na consciência ou somente na ideia. Todo o mundo da experiência seria assim construído a partir de sensações e existiria tão somente no interior da consciência. Assim nada existira que não fosse dependente do indivíduo.

Ainda segundo Nagy, Os antecedentes filosóficos da teoria dos arquétipos são encontrados na doutrina platônica das causas transcendentais e mais diretamente na teoria dinâmica da vontade interna de Shopenhauer. A teoria da individuação, conceito central desenvolvido na psicologia analítica, teria esquema teleológico baseado na teoria de Aristóteles das quatro causas. O subjetivismo epistemológico que caracteriza a psicologia junguiana, não seria exatamente, invenção de Jung. Jung seguira Kant, apesar da autora citada ainda destacar, que Jung não concordara com as conclusões da primeira crítica do filósofo, a qual parece defender a posição de que o conhecimento se

iniciaria com o objeto exterior. A opinião de Jung parece assentir mais com a posição de Kant a partir de seu posicionamento na segunda crítica, onde o filósofo se aproxima de um idealismo religioso do séc. XIX, que defendia ser possível conhecer apenas aquilo que se encontra no interior do indivíduo.

Capítulo 4: A IMAGEM ESCONDIDA

Segundo Marie-Louise von Franz, “Quando alguém ignora a própria sombra, ela falsifica sua personalidade” (FRANZ, 2005, p. 161). Tudo aquilo que diz respeito ao indivíduo, mas que ele desconhece, que está inconsciente, pode ser considerado sombra. A sombra se constituiria, a partir das qualidades reprimidas, não admitidas e incompatíveis com as qualidades que são escolhidas pelo indivíduo e consolidadas muitas vezes a partir daquilo que se espera socialmente. Dessa forma, a sombra adquiriria por assim dizer, uma espécie de segunda natureza. Expressar a sombra conscientemente poderia acarretar considerável perturbação, visto que uma mudança repentina demandaria grande necessidade de readaptação de si mesmo e do entorno. O ego poderia ressentir-se e as pessoas poderiam tomar-se de fúria ao se deparar com comportamentos inesperados ou que considerassem inadequados. Para que a sombra seja percebida e assimilada de maneira bem-sucedida, de forma salutar, haveria a necessidade de um espectador para falar dessa imagem. Segundo James Hillman, ninguém melhor do que a Mitologia Grega para falar dessas verdades secretas que dizem respeito à sombra, a qual em sentido psicológico faz parte da personalidade total.

As coisas não aceitas, que repugnam e as quais são reprimidas, e projetadas no outro, como figura simbólica do sombrio, permaneceriam na inconsciência abrigando-se dentro do indivíduo. Lançar luz sobre os recantos sombrios da psique traria como resultado a ampliação da consciência. Para Hillmann, sempre chega o momento em que a consciência não pode mais negar a existência de sistemas autônomos, os quais passam a demandar legitimidade em prol da manutenção do equilíbrio psíquico. Nesse

momento, a fantasia de retorno ao politeísmo grego, ofereceria uma forma de mediação aos centros que não conseguiriam mais sustentar sozinhos o psiquismo. A alternativa politeísta, não resolveria as oposições conflituosas entre os sistemas, mas permitiria a coexistência de todos os fragmentos psíquicos, concedendo-lhes padrões na imaginação da mitologia grega (HILMANN, 2015).

Nesse sentido, ainda segundo Hillman, a mitologia grega traria uma solução psicológica para o desafio do colapso, oferecendo um modelo de integração. Voltar o olhar para a Grécia, segundo Hillman, seria como acolher uma compreensão psicológica, como aceitar um convite que a Grécia faz à psique, oferecendo-lhe possibilidades ou padrões de comportamento que podem ser vivenciados metaforicamente. A “Grécia” para a qual Hillman aponta, não é a literal, pois não se refere a uma região histórica, nem geográfica, mas seria uma Grécia fantástica e mítica, uma Grécia interior da mente que só indiretamente está ligada à geografia e à história reais, de modo que estas poderiam até ameaçar o seu valor psicológico. Os textos gregos originais oferecem uma imagem da Grécia carregada de emoção, essa imagem conservou sua carga de emoções por meio de um conjunto contínuo de mitos (os “mitos gregos” e a metáfora da “Grécia”) que se mantiveram na consciência dos tempos até os dias atuais. A “Grécia” persistiria segundo Hillman, muito mais como uma paisagem interior do que como uma paisagem externa. Funcionaria como uma metáfora para o reino imaginal, no qual os arquétipos foram alocados enquanto deuses. Portanto, para Hillman, todos os documentos e fragmentos de mitos, deixados pela Antiguidade, deveriam ser lidos como relatos ou testemunhos do imaginal. A arqueologia se tornaria arquetipologia, apontando menos para a história literal e mais para as realidades eternas da imaginação, falando sobre o que se passa agora na realidade psíquica. O retorno à Grécia não seria um retorno à uma época histórica passada. Pelo contrário, a “Grécia” ofereceria uma chance de rever a psicologia através de pessoas e locais imaginais. Ela mudaria em definitivo o pensamento temporal e a historicidade, partindo em direção a uma região imaginal, um arquipélago diferenciado de localizações onde se encontrariam os deuses, e não para um tempo de quando eles lá estavam (HILMANN, 2015).

Retornar à Grécia segundo Hillman seria redescobrir os arquétipos da mente e da cultura. A fantasia lá retornaria para se tornar arquetípica. Ao retroceder para o mítico,

para o não histórico, a psique reimaginaria fatos históricos a partir de outro ponto de vista. A Grécia se converteria na múltipla lente de aumento por meio da qual a psique poderia reconhecer suas pessoas e seus processos em configurações maiores que a vida, como se a Grécia pudesse oferecer forma às mentes (**Ibidem**).

Tudo isso, não nega os valores herdados de outras culturas, seus grandes deuses, suas imagens, suas almas. No entanto, Hillman destaca que relativizar a “Grécia” enquanto somente uma influência cultural, seria como puni-la por ser demasiadamente ocidental, branca, masculina, hierárquica e muito distante no passado, seria uma literalidade racista. Com isso, ele circunscreveu uma série de erros. Em primeiro lugar, Hillman diz que constitui um erro identificar imaginação com geografia, psicologia com sociologia e tempo com causalidade (por exemplo, considerar que só porque as culturas chinesas, africanas, egípcias e semitas são mais antigas, seriam também mais proeminentes em nossas psiques). Em segundo lugar, para ele seria outro erro confinar a psique à uma herança genética; pois a mente não é determinada pelo seu sangue nem pela sua pele. E em terceiro lugar, e talvez o mais grave de todos, constituiria um erro personalizar a psique naquilo que as opiniões pessoais consideram relevantes para os problemas pessoais; e essa, de acordo com Hillman, seria uma maneira habitual de se evitar escavar até as raízes arquetípicas da imaginação coletiva, raízes que afetam os problemas sem que se esteja consciente disso. Para ele, independentemente do lugar e da época em que se tenha nascido para se conhecer, se deve retornar à Grécia, onde essa ideia foi formulada pela primeira vez. Há uma boa razão para que a sombra seja o guia desse retorno à imaginação da Grécia. Lendas, imagens e a teologia atestam um conflito irreconciliável entre o bem e o mal, uma tensão que nunca findou, e dentro da qual a morte de um é a vida do outro. Esse contraste reaparece constantemente. O conflito bem/mal apresenta enormes dificuldades para o indivíduo na civilização. Mas a maneira pela qual cada um responde aos chamados da sombra e é por ela guiado para o território da “Grécia” dependerá, segundo Hillman, em grande parte das atitudes mais íntimas. Assim, talvez a única possibilidade de se atravessar a ponte rumo à imaginação dos antigos, requereria que se deixasse do lado de cá, esses pontos de vista preconceituosos, considerados “civilizados”. O renascimento da umbra e do reino que chamamos de imaginal, mítico e grego se iniciaria com as manifestações da sombra na esfera privada e nas reações pessoais de cada indivíduo perante seus fenômenos mais reprováveis, que o forcem a sair dos hábitos civilizados. Esses são os caminhos de retorno para a

imaginação. Portanto, o retorno à Grécia não é nem uma idealização nostálgica, um romantismo estético, nem um estudo estruturalista e distante de simbólico. Pelo contrário, antes tratar-se-ia de uma descida ao mundo dos mortos, de onde nunca se volta o mesmo (**Ibidem**).

O tema de Narciso é o da aventura nas jornadas do autoconhecimento, na qual quanto mais se reprime os conteúdos sombrios, mais a sombra se fortalece, ameaçando vir à tona brutalmente, expondo ao sujeito, suas fraquezas e covardias em circunstâncias constrangedoras, tal qual se dá com Narciso, exposto a mesma rejeição que sempre ofereceu no trato com os outros.

Considerando que, o grau de liberdade de um indivíduo, estaria diretamente ligado ao seu grau de consciência, assumir a própria sombra e permitir o confronto entre consciente e inconsciente, possibilitaria um alargamento do psiquismo individual e o cerne de uma nova personalidade. Obviamente construída durante intenso trabalho para não se identificar tão maciçamente com o ego e entrar em contato com um outro em si mesmo. Situação que exige coragem e um enorme esforço, no sentido principalmente de não negar aspectos da identidade, mas, sobretudo, integrá-los, relacioná-los. Jung propôs não massacrar ou sublimar conteúdos sombrios e sim aceitá-los, negociá-los e, se possível, realizá-los. A relação da consciência com as forças inconscientes se assemelha à relação descrita na mitologia entre deuses e homens, os deuses seriam a grande metáfora das estruturas autônomas do psiquismo (BERNARDI, APUD GOUVEA, 2008).

A sombra existente ao invés de combatida deveria ser diluída em uma negociação com a realidade existencial. Antagonismos deveriam ser enfrentados através de diálogos entre opostos, os quais indicariam sua própria finalidade, pois a sombra desempenha papel fundamental no equilíbrio Ego e Self, sua conscientização constitui avanço para essa harmonização. Consciente e inconsciente quando rachados em antagonismos mãe e filha, pai e filho, vida e morte, velho e novo, desempenhariam identidades secretas de duas faces. O que caracterizaria o antagonismo ego e Self e uma consciência egóica auto divisora, que produziria facções e diferenças. o ego atuando

dessa maneira, estaria atuando como a própria sombra do Self. Identificação negativa, na qual uma polaridade seria obliterada, travada, imobilizada, assim como o próprio Processo de Individuação.

Para que ocorra transformação, é preciso luz, insight, para dar fim a cegueira e perceber o outro, no qual a existência do arquétipo se reflete transcendendo um espaço. Como se o indivíduo fosse uma espécie de andarilho, deixando-se guiar pelo objetivo de seus anseios. Assim, através da imaginação ou do imaginal, o desejo seria reconduzido àquilo que o impele a imitar os destinos míticos.

A conscientização da tensão entre opostos seria condição para a transformação, para mudança. A partir desse tencionamento é que se daria a conscientização de uma realidade psíquica dúplice, atuando como alavanca para a ampliação da consciência, para o entendimento de uma individualidade que não se traduz essencialmente em unidade, mas em duplicidade. Por isso a postura de unilateralidade desorganizaria, criando neuroses e patologias. O contexto arquetípico ofereceria então a possibilidade da imagem. A imagem levaria o indivíduo a perceber-se metaforicamente como uma construção em trânsito entre dois lugares, ou melhor, a imagem possibilitaria o trânsito em dois lugares ao mesmo tempo.

Narciso, compreendido a partir da dinâmica arquetípica, traduz essa figura única com aspectos duplos. Denunciando a presença de um outro, de uma outra metade de um único arquétipo. A partir do autodesconhecimento, da auto alienação, paradoxalmente ele alcança o lado oposto e transcende de um estado à outro, da sombra à luz, da morte à vida.

Capítulo 5: A CONTRIBUIÇÃO DE NARCISO

Ao narrar as façanhas de famoso adivinho chamado Tirésias, Ovídio conta, que a primeira a conhecer o poder de suas profecias, foi a bela ninfa oceânida Liríope, mãe de Narciso. De acordo com a narrativa ovidiana, certa vez, a bela ninfa foi enlaçada e violada pelas águas do deus rio Céfiso. E apesar do ato de união ter sido marcado por violência, ficando grávida, a ninfa da luz à Narciso e sente-se agraciada por nascer seu filho portador de imensa beleza.

(...) Este, (*Tirésias*) famoso pelas cidades da Aônia,
respondia infalível a quem o inquiria.
A primeira a sentir-lhe a veracidade,
foi cerúlea Liríope, que outrora, em curvo
curso enlaçou Cefiso, e, presa na corrente,
a violou. A ninfa belíssima, grávida,
pariu um filho, mui digno de ser amado,
e de Narciso o chama... (OVÍDIO, 340 -345)

Ovídio narra, que Céfiso, o pai de Narciso, viola sua mãe, a ninfa oceânida Liríopen e Narciso é concebido assim de forma violenta e dolorosa. Segundo Hillman (2008), a imagem mítica do pai que fere, tornar-se a afirmação psicológica do pai que é a ferida. Metaforicamente aquilo que fere pode significar aquilo que cria, que dá paternidade. No caso de Narciso sua ferida estaria representada por uma estrutura danificada, expressa pela sua tolice jovial, mas ao mesmo tempo as feridas possuem a conotação de uma benção, de um dom. A ferida levaria a condição arquetípica do ferimento propondo abertura e cicatrização. O ferimento cicatrizado traduz transição de uma consciência ferida para uma consciência que emerge das profundezas da ferida, sugerindo uma capacidade de cuidar de si mesmo. A necessidade arquetípica do ferimento atribui aos menores sintomas uma importância transcendente, indicando passagem de uma consciência fragilizada a uma consciência mais forte. A agressividade

de Céfiso, significaria então, um impulso de vida em direção a diferenciação, o pai de Narciso representaria impulso incontido para a formação de uma consciência que fecundaria e iluminaria o inconsciente.

Céfiso segundo Raíssa Cavalcanti (1997), enquanto filho do deus primordial Oceano, simbolicamente seria emanção da totalidade original. As águas do rio sempre retornam ao Oceano, ao princípio de onde tudo viria e tudo retornaria, sempre no sentido de renascimento, criação. Os rios seriam agentes regeneradores, garantindo renovação. Portando, tanto Oceano, quanto Céfiso carregam o significado daquilo que envolve, que fecunda, que faz brotar.

Oceano é representado como um velho sentado sobre as ondas, com um golfinho ao lado, na *Ilíada* é chamado pai de todos os seres. Uniu-se à sua irmã Tétis, deusa das fontes de água pura e personificação dos aquíferos subterrâneos que alimentam o mundo, e com ela gerou todos os rios, poços, nascentes e nuvens de chuva.

Os filhos homens de Oceano e Tétis eram deuses que personificavam os rios existentes em toda a terra, eram descritos como deuses poderosos e eram temidos por outras divindades. Entre os deuses-rios figurava Céfiso (deus-rio da Beócia), o pai de Narciso.

Liríope, segundo o *Dicionário de Mitologia Greco Romana* (1976), além de mãe de Narciso, é uma ninfa oceânida, um tipo de ninfa das águas, sendo também filha de Oceano e Tétis. As águas que envolvem a origem de Narciso simbolizam pais primordiais inconscientes, a água é símbolo do primeiro lugar, a origem da criação do mundo, das coisas. O mito de Narciso, a partir de seus pais primordiais, caracteriza-se como mito cosmogônico, mito da criação, simbolizado pela criação de uma nova consciência. Narciso traz imenso potencial transformador, renovador, enquanto um mito da água.

As ninfas de forma geral seriam formas personalizadas das forças afrodisíacas da grande mãe. O inconsciente também é conhecido como reino da grande mãe. Com o nascimento de um filho tão belo, Liríope passa a preocupar-se cada vez mais com o destino de Narciso, receava que a justiça dos deuses pudesse condenar sua desmedida beleza. Envolta nessa preocupação, Liríope decide consultar Tirésias, para saber se Narciso viveria por longo tempo. Eis que o adivinho decidido lhe fala, que Narciso viveria por muito tempo se não viesse a se conhecer. O desejo de proteção, especialmente contra a ira dos deuses, expressado pela preocupação de Liríope em relação a Narciso, reflete muito a questão mãe e filho, companheira de todo ser humano. De tão mobilizadora, essa questão demanda por toda parte e em todos os tempos, a construção de questionamentos e reflexões. Essa ligação, muitas vezes expressada através da saudade da mãe, não é entendida aqui, enquanto desejo infantil, neuroticamente regressivo. Simbolicamente, por detrás da saudade materna, encontra-se oculto o desejo de renascimento e transformação. E seria essa a busca que orientaria Narciso de forma irreversível para o encontro consigo mesmo. Haveria então, mais essa situação e atitude arquetípica configurada na condição primária da problemática mãe e filho refletida na trama de Narciso acompanhando-o em sua trajetória. Liríope concebe Narciso e apesar desta concepção ter se dado através da violência, não manifestou resistência ao nascimento do filho, a ninfa parecia saber e aceitar, mesmo que de forma paradoxal que seu filho teria de trilhar um difícil caminho para conhecer-se.

Vale ainda lembrar que a trajetória de Narciso é narrada dentro das façanhas do velho adivinho Tirésias. A presença do adivinho Tirésias, detentor do poder da profecia, possuidor de grande sabedoria, também reforça a conexão psicológica entre o velho e o novo expressada na polaridade ou na duplicidade do arquétipo *puer et senex*.. A questão do *puer* segundo Hillman (2008) traduz a polaridade que se transformaria em complementaridade de diferentes, mas ao mesmo tempo de iguais que se unem. Essa relação de complementaridade liberaria a psicologia de Narciso de ser constituída apenas a partir do relacionamento com a grande deusa, com o arquétipo da grande mãe, pois se o correlato para filho é mãe, para o *puer* haveria um correspondente masculino, o pai. Sendo assim, nem tudo o que viria da natureza, da escuridão ou de baixo teria de ser necessariamente mãe. Certamente a grande deusa está envolvida no modo como o *puer* procura o *senex*, pois o complexo materno apreende os relacionamentos, fazendo

da psique algo relacionado, mas ao mesmo tempo o complexo materno pode embaçar a visão, emaranhar dilemas, confundindo as escolhas, fazendo da vida uma façanha representada através de um relacionamento com o eterno feminino que se coloca atrás de todos os filhos quando o pai está ausente. As figuras *puer* segundo Hillman, frequentemente tem relacionamento especial com a grande mãe, que é por eles apaixonada, mas o impulso *puer* quando reforçado pela grande mãe pode levar ao exagero característico das neuroses. O significado e a ordem, a capacidade de discriminação, caracterizam o arquétipo *puer et senex*, se a mãe se apodera desses traços, a reflexividade do *puer* pode tornar-se um devaneio ineficaz. Enquanto age com o *puer* no complexo, falta em Narciso controle, reflexão envolvimento, habilidade para gerar-se. Quando separado do *senex*, o *puer* vê, mas não se vê, sabe, mas não se conhece, faz, mas não faz a si mesmo. O *puer* tornar-se-ia assim autodestrutivo, por falta de reflexão psíquica. Essa conscientização tornar-se-ia possível através da função reflexiva da psique (HILLMAN, 2008), que no caso de Narciso denunciaria seu problema central, o qual não se reflete pela falta de comprometimento com o mundo, mas pela falta de comprometimento com a realidade psíquica.

Mas o feminino na trajetória de Narciso não atrapalha a união do filho e do pai, na verdade parece antes procurar aproximá-los. Portando, a intenção aqui, se faz no sentido de destacar a ambiguidade dos arquétipos. Provar que o *puer* é isso e o filho ou o herói é aquilo não seria o objetivo do mito. A grande mãe está em todo lugar, porque a permeação estaria na essência desse dominante, sendo assim não seria a independência da mãe que separaria o *puer* do filho-herói, e sim a independência na própria concepção do *puer*, ou seja, talvez a questão esteja em justamente não ter de escolher entre pai e mãe, talvez Narciso seja ao mesmo tempo herói, *puer* e filho.

O interessante ao deixar de lado a noção de que o *puer* é apenas o filho da grande mãe, é que dessa forma, abandona-se a noção de que o único caminho para o desenvolvimento do ego seria através da batalha contra a mãe opressora. O *puer* desloca o destino épico ou trágico para a fantasia imaginativa, ou seja, o *puer* não fica preso na sua história ao perceber-se como imaginal. Na transição do sentido de si mesmo dentro de uma história para o sentido de si mesmo como imagem, todos os pedaços fazem

parte e são correlativamente necessários. A transição da consciência apenas *puer* para a *puer et senex* acontece a partir da união dos iguais.

Toda a trajetória de Narciso parece manter juntos *puer* e *senex*, a narrativa ovidiana parece trançar essa união, notada mesmo no desfecho aparentemente nebuloso do mito, onde Narciso se vê novamente diante das águas que traduzem tanto a figura materna como também a paterna. Essa alteridade é vivida a princípio por Narciso como auto desconhecimento, auto alienação, até o encontro com sua imagem refletida no espelho d'água de sua origem, e para onde inevitavelmente retorna encontrando a ressonância que lhe faltava.

Durante muitos anos a profecia do adivinho Tirésias parecia não ter coerência, mas Narciso torna-se um jovem caçador conhecido por ser muito belo e cobiçado por mortais e imortais e devido à dura indiferença que habitava em suas tão belas formas, dele, ninguém jamais consegue dele se aproximar, o que curiosamente parecia estimular ainda mais a atração exercida por sua figura. Como muitos heróis, Narciso vivia na floresta e torna-se caçador no meio da vida vegetal e animal. Mais tarde, vem a ser também como é comum com os heróis, amaldiçoado.

A floresta com sua natureza doadora de alimento, também representa uma espécie de mãe, remetendo ao reino inconsciente, que todo o tempo rodeia Narciso. Segundo Walter Boechat, a insígnia de caçador que Narciso traz, se relaciona com o motivo mítico da caça, que é simbólico em si, expressando a busca incessante de conteúdos desconhecidos (os animais) que escapam à percepção da consciência, ocultando-se nas florestas (o inconsciente). A obtenção do animal configura a integração de conteúdos psíquicos ao ego. O processo de individuação, descrito por Jung, é expresso de forma original pelo simbolismo da busca, nesta imagem encontram-se características como o ponto de partida, a busca de aproximação dos opostos psicológicos e um misterioso terceiro elemento, representado no caso de Narciso, pelo aparecimento de uma flor no lugar de seu corpo (BOECHAT, 2007, p. 151).

Dentre todos os amores que Narciso inspirava, nenhum foi tão arrebatador quanto o da ninfa Eco. Eco é igualmente desprezada por Narciso e de tamanho sofrimento seca de tristeza. Eco pertencia ao séquito de Hera, com sua tagarelice e seu canto, costumava distrair a deusa enquanto seu marido Zeus, ganhava tempo para cortejar ninfas, mortais e outras deusas. Quando Hera descobre a artimanha da qual era vítima, condena Eco a repetir eternamente os últimos sons das falas pronunciadas diante dela. Assim, Eco não pode declarar seu amor à Narciso. O belo e indiferente jovem despreza todas as investidas de Eco sobre ele, desesperada embrenha-se nos bosques, definhando até virar pedra e dela só restar o eco proveniente das montanhas. Eco é transformada em pedra e a interpretação que envolve Eco, concentra-se no símbolo da regressão e da passividade, que não quer dizer necessariamente algo permanente, e sim algo precursor de transformação (BRANDÃO, 2010). As ninfas como facetas da grande mãe que são, estabelecem laços de envolvimento com a vida psíquica, através de suas manifestações de amor e receptividade ao outro. Eco também aceita Narciso como ele é, a aceitação dos fatos da vida faz parte do desencadeamento de um processo de emancipação da consciência. Eco teria o impulso para a conjunção dos opostos e por isso desejaria tanto Narciso, que seria o seu oposto complementar. Segundo Raíssa Cavalcanti (1998), as ninfas apontariam o caminho, como psicopompos ou guias nos processos de transformação. Por mais que Narciso a rejeitasse, Eco insiste em clamar por reconhecimento.

A insensibilidade de Narciso ao amor acaba levando-o a ser amaldiçoado por Nêmesis. Nêmesis, assim como as Erínias, simboliza a justiça contra aqueles que insistem em ultrapassar a medida de cada um, através do descomedimento. No caso de Narciso, este possuía desmedida em beleza, em soberba, em indiferença. A deusa da justiça, que às vezes aparece representada com os dedos nos lábios, sugerindo a discrição para não atrair a cólera dos deuses, possui função de reequilíbrio. Ela compensava inclusive os amantes desprezados, e como Narciso partia muitos corações, eis que um desses amores desprezados roga à Nêmesis que fizesse Narciso amar, mas jamais alcançar o ser amado. Como bem se sabe, a suplica foi atendida.

Eis que em um dia de imenso calor e após uma caçada, cansado e com sede, Narciso é atraído porá junto de fonte prateada. Tudo leva a crer que Narciso estava diante das águas poderosas do rio Estige, e enquanto aplaca sua sede, eis que avista a intrigante imagem que lhe vem despertar uma sede ainda muito mais profunda.

As águas do rio Estige, estão diretamente ligadas a deusa Estige que representa tudo o que o mundo subterrâneo, o mundo infernal e também o mundo aquático comportam em matéria de forças poderosas. No mundo inferior, os rios subterrâneos exerceriam a função simbólica da transformação, dissolvendo as antigas aparências para gerar o novo. Estige está presente no desfecho do mito de Narciso, participando do seu processo iniciático, traduzido no reflexo de uma dimensão psíquica desconhecida. Estige era irmã de Céfiso, sendo, portanto, tia de Narciso. Ovídio narra no final do mito de Narciso, que o rapaz adentra o rio Estige quando de sua morte. Narciso fora amaldiçoado por Nêmesis, mas pelas águas de Estige, parece ter sido redimido.

Segundo Junito Brandão (2008), as águas gélidas do Estige eram mágicas, entre outros dons, elas tornavam invulnerável tudo o que nelas fosse introduzido. Narciso acaba ' morrendo' para incorporar-se a seu reflexo. A morte dentro deste contexto simbólico deve ser entendida como via de elaboração psíquica. Narciso quando levado para dentro do rio Estige, faz de sua morte um processo de descida ao mundo dos mortos, ligando-se novamente ao Processo de Individuação, principalmente, porque este processo sugere também transformação através de imersão em si mesmo, com subsequente emersão, de maneira renovada no mundo. Numa outra passagem da Teogonia, Estige seria um braço do rio Oceano, Ovídio ao referir-se a Narciso quando este encontrava-se na juventude, chama-o de Céfiso, o que fortalece a conexão arquetípica de pai e filho, ou novamente a conexão entre o novo e velho (*puer et senex*), pertencente ao mito de Narciso.

O feminino no mito de Narciso, não representa ameaça para a união pai e filho ou *puer et senex*, a morte com o senex, sua introspecção penetrante apresenta outra imagem e outra emoção. O espelho refletor das águas descortina uma realidade

escondida, um outro lado, aquilo que está oculto atrás do espelho. As águas nas quais Narciso se vê, podem ser consideradas como um lugar de revelação do mundo inferior das sombras, do inconsciente, dos aspectos negados da personalidade. O outro lado do espelho guarda a outra face, o outro eu. As águas especulares podem ser vistas como porta simbólica para uma outra realidade, atravessar o espelho representa a passagem de uma realidade à outra.

(...) Não sabe o que está vendo; mas ao ver se abrasa,
e o que ilude os seus olhos mais o incita ao erro.
Por que, em vão, simulacro fugaz buscas, crédulo?
O que amas não há; se te afastas, desfaz-se.
Isto que vês reflexo é sombra, tua imagem; (OVÍDIO, 430)

Narciso quando seduzido pelo próprio reflexo, nas águas do rio Estige, reflete novamente as facetas do arquétipo da grande mãe que também o rodeia. Erich Neuman em seu livro *a Origem da consciência* (2013), diz que Narciso é alvo de Afrodite, a Grande Mãe, desejosa de fazer sucumbir a consciência de Narciso à sua lei fatal, almejando dominar o sistema do ego. Neumann aponta para a recusa ao amor, característico de Narciso, como postura diretamente relacionada com a busca pela diferenciação da consciência. Narciso na perspectiva de se desvencilhar das forças poderosas do inconsciente, representadas pela figura da grande mãe, nega veementemente à tentativa de dominação desse imenso poder inconsciente. A atitude de negativa aos apelos apaixonados que desperta, se explica não como incapacidade para amar, já que paradoxalmente é fugindo dos sentimentos que o assolam que o jovem caçador acaba adentrando o desconhecido na floresta e percorrendo a rota que o levará ao confronto com seu dilema. A fonte de água de tão cristalina faz-se de espelho e ao cravar os olhos na imagem a sua frente, Narciso é invadido por uma ânsia de tirar dela alguma verdade, e sofre muito com o poder fugidio inerente à imagem. Narciso tenta alcançá-la, mas a imagem não pode ser capturada, devido ao fluxo constante de mudança que dela emana. Mas ainda assim, incapaz de se afastar, permanece ali diante de seu reflexo, tomado por um ímpeto irresistível de integrar-se a ele. Esta reflexão de Narciso possibilita relação e apropriação da realidade psíquica interna, a qual teria como base o fato da consciência e do inconsciente se encontrarem num relacionamento de

simetria especular. O Ego para se estabilizar necessita ser refletido exteriormente, mas por aquilo que realmente é interiormente, para tanto precisa ser desafiado para desenvolver-se, diferenciar-se, amplificar-se. O objetivo da imagem arquetípica é potencializar a psique no sentido de construir um a nova relação especular entre consciência e inconsciente.

Ovídio narra o sofrimento atroz de Narciso diante de seu reflexo. Sofrimento profundo que o leva a morte. Mas a morte no contexto que envolve Narciso é interpretada como uma passagem para outro um outro modo de existência, sendo o modelo simbólico de todas as transformações importantes. O rio Estige, representa não só o aspecto da morte simbólica, do encerramento do eu, mas também o aspecto do renascimento. Morrer, no sentido simbólico, quer dizer recomeçar e é a condição indispensável de passagem para uma outra forma de vida. Os rios subterrâneos como o Estige, funcionam enquanto agentes de transformação, dissolvendo as antigas formas e aparências para gerar o novo. Sabe-se que Narciso enigmaticamente metamorfoseia-se em flor, enfatizando o poder de transmutação que envolve o significado da água que mata para recriar novas formas. Como agentes regeneradores, os rios infernais garantem o ciclo eterno da renovação, absorvendo em suas águas os cadáveres dos mortos e transmutando a morte em vida. Assim, esses rios expressam muito bem o poder regenerativo do inconsciente

(...) Mesmo depois de entrar na morada infernal,
ele se olha no Estige . As suas irmãs Náíades
choraram, ofertando-lhe os cachos cortados;
as Dríades choraram; Eco ressoou,
e preparavam já a pira e as tochas fúnebres;
corpo nenhum havia. No lugar acharam
uma flor, cróceo broto entre pétalas brancas.
Tal fato deu ao vate merecida fama
e grande era o nome do áugure na Acaia. (OVÍDIO, 505-510)

Todo processo de transformação, traz a morte como condição indispensável, representando o germe da nova vida e a fase preparatória para sua regeneração. As forças vitais contidas na morte estão representadas pelas divindades da abundância e da fecundidade. Tanto o simbolismo da flor como da morte aproximam Narciso de Perséfone e conseqüentemente de Deméter. Há uma versão de Narciso elaborada na antiguidade por Pausânias (SCHWARTZ-SALANT, 1982), narrando que certa feita, Perséfone se distrai ao avistar narcisos perto do abismo e precipitando-se para colhe-lhos acaba sendo raptada por Hades, que depois se torna seu marido. Esse episódio insiste Pausânias, acontece antes de Narciso ter se transformado em flor e morrer. Essa informação manifesta e reforça o potencial positivo decorrente da profunda transformação vinculada ao nível transcendente e arquetípico que se aponta aqui em Narciso, um poder temido por ele e que surge pela terra, porque traz uma raiz arquetípica proveniente do mundo inferior. É como se Narciso tivesse dado ao inconsciente a ocasião de trazer a fantasia à superfície, dessa forma é como se tivesse alcançado a vitória sobre o seu ponto de vista unilateral, validando a experiência inconsciente através da conscientização de sua fantasia. Narciso teria assimilado funções inconscientes à consciência, causando efeitos profundos na sua consciência, os quais levariam enfim à transformação de sua personalidade, através da função transcendente. O segredo da flor de Narciso seria assim revelado, através da mistura e fusão de elementos opostos ambivalentes. Narciso morre junto à Perséfone realizando a *katábasis* (descida ao submundo) e conseqüentemente ressuscita realizando a *anábasis* (retorno do submundo), junto à Deméter.

A orientação na direção da essência existencial é trilhada por Narciso, mas não é por ele regida. Ao deparar-se em particular com sua imagem nunca dantes refletida, ele sofre tremenda transformação no seu estado emocional, no seu estado psíquico, representada pela sua metamorfose em flor. Essa flor concebida dentro desse contexto transformador em Narciso, não poderia ser compreendida como flor que murcha, antes a flor vem aqui representar o começo das coisas que brotam para fora do chão. O *puer* também inspirara o brotar das coisas e o *senex* governaria a colheita. Florescer e colher dar-se-iam intermitentemente durante o decorrer de toda a vida.

A flor poderia sintetizar também o mistério de Afrodite, deusa da atração entre os pólos opostos psicológicos. A aparição misteriosa de um terceiro elemento representado pela flor de Afrodite (BOECHAT, 2007, p. 151), merece especial destaque. Afrodite é a deusa representante do poder civilizatório pelo Belo, tanto na consciência individual quanto na coletiva, é além da deusa do amor, a deusa das flores. Sua função é revitalizar os opostos, favorecendo a união psicológica, consciente e inconsciente, numa síntese amorosa chamada por Jung de Processo de Individuação. Esse casamento psicológico seria o antídoto contra a identificação com o belo aparente, tão comum na cultura atual que cai nesta identificação, e cada vez mais perde contato com a deusa. (BOECHAT, 2007, p. 151,152,153).

A flor ainda possuiria um representante de proteção contra a dissolução da unidade da consciência, remete ao círculo protetor da Mandala, e por isso está vinculada com o nível transcendente, arquetípico, como uma dimensão numinosa ou divina. A beleza do poder da deusa reside no fato de não se fazer necessário, valorizar uma realidade em detrimento da outra, pois é justamente, através do nascimento do novo, que ambas as realidades podem coexistir de modo profundo e vital. A consciência do potencial da deusa permite ao Ego tornar-se vivo e alegre em seus relacionamentos com os outros e a partir do conhecimento da dúplici realidade da vida, ao mesmo tempo em que se permite reconhecer a importância da vida social e das relações, pode-se também fincar raízes no mundo “não visível”, no qual é garantido e iniciado o processo de transformação.

Narciso temia essas energias poderosas, temia a violação psíquica proveniente dessas energias tremendas do inconsciente, representado no mito pelo arquétipo da grande mãe e suas facetas. Mas foi irresistivelmente atraído por elas, experimentou tão intensamente a imagem presente do outro, que transmutou para outra forma de ser, que não necessariamente anulou a anterior, mas que a transcendeu, a transformou. As imagens enquanto formas a priori preenchidas pela experiência de cada indivíduo, permitem o contato com a realidade arquetípica. A energia do arquétipo indica a existência de um potencial organizador inerente à própria psique. Diante do paradoxo

que todo arquétipo traz, caracterizando-se como propriedade dual da psique, na transposição dessa realidade para a trajetória de Narciso, observa-se o mesmo confronto de fundamento arquetípico, trazendo à tona um lado do processo arquetípico constituinte de um padrão potencial da psique.

A questão profunda da narrativa, se traduz pelo impressionante poder transformacional de Narciso, desenvolvido através de simbolismos expressos na caminhada de Narciso, principalmente apontando para as questões da morte e do renascimento. Segundo Jung (2011, 7/2§ 342), a transformação seria a meta inconsciente. Sem transformação, a influência do inconsciente permaneceria inalterada e continuaria alimentando certos sintomas de desorganização. Confrontar-se com o inconsciente, libertaria seus processos, de modo que estes irromperiam na consciência sob a forma de fantasias. Mas para tanto, seria necessário mais do que ter uma ideia das fantasias inconscientes, seria necessário compreendê-las, pois, a compreensão faria parte da experiência e mais essencial ainda do que as compreender seria dar às imagens da fantasia a vivência que lhes corresponde. Essa vivência poderia se situar como vivência criativa, por exemplo, mas o importante é que aconteça o enfrentamento com as figuras que comparecem nas visões da fantasia. O inconsciente possuiria segundo Jung, uma preponderância irredutível, dispondo de grande força atrativa, capaz de invadir todos os conteúdos inconscientes. A energia psíquica só poderia ser apreendida sob a forma de imagens, na verdade, segundo Jung ela seria idêntica às imagens da fantasia. Só se poderia libertar a libido, ou energia inconsciente, permitindo que aflorassem as imagens da fantasia que lhes correspondem. E seria preciso dar ao inconsciente a ocasião de trazer suas fantasias à superfície.

A atitude unilateral de Narciso poderia indicar incapacidade momentânea de vencer a indiferença, e talvez viesse reforçar outra função inconscientemente, indicando que quando a consciência assume uma posição falsa ou presunçosa, o inconsciente se volta contra ela. A atitude unilateral poderia causar danos consideráveis ao mundo de valores conscientes. Nessa situação, compreender a função do inconsciente que está convertido sob a forma de fantasia, seria fundamental para a leitura que está se apresentando de Narciso, pois a leitura dada ao mito aqui, não entende Narciso como

aquele que se abandona a um capricho, ou se entrega sem freio a um estado de ânimo indiferente definitivamente, mas antes aponta para o trabalho realizado por Narciso de legitimar um estado de ânimo, expressado através de uma analogia fantástica. O que permitiu converter a energia criadora conscientemente, impedindo que a mesma fosse totalmente subtraída pelo inconsciente.

Essa seria a maior contribuição que Narciso poderia dar a esse estudo, visto que ele cumpre a exigência de viver completamente a sua fantasia através de uma participação ativa, pois procede na fantasia do mesmo modo que procede na realidade. Dessa forma, torna-se exemplo de uma postura que leva a sério a fantasia, atribuindo ao inconsciente o valor de uma realidade. Como consequência, alcança uma vitória sobre seu ponto de vista unilateral outorgando indiretamente legitimidade ao ponto de vista inconsciente.

Narciso desde seu nascimento foi impelido constantemente a desvendar, ou tomar consciência de suas identificações inconscientes, as quais estavam estruturadas arquetipicamente em forma de imagens símbolos que objetivavam orientá-lo na busca pelo conhecimento da pessoa que realmente era. O adivinho Tirésias, ao afirmar para sua mãe, a ninfa Liríope, que Narciso só viveria se não se conhecesse, já traça o “destino” de Narciso, que profeticamente, parece vir a “morrer” de autoconhecimento.

Narciso foi surpreendido por uma imagem que interferiu totalmente no seu estado emocional, no seu estado psíquico. Esse encontro, o leva da indiferença a um estado de grande mobilização, no qual ele é totalmente afetado pelo totalmente outro. Nessa perspectiva Narciso remonta todo esforço de nascimento de um novo símbolo coletivo, como caminho para uma nova consciência. A leitura de um potencial positivo de Narciso traduz transformação como uma consciência nova que compreende a polaridade. Ao deparar-se com sua imagem oculta no espelho d’água, a mesma água que lhe dera origem, Narciso encontra consigo mesmo e também renasce. Diferencia-se

psiquicamente, pois assume a existência de conteúdo psíquico autônomo, com o qual até então estava identificado inconscientemente.

Os arquétipos de acordo com Hillman (1998), assim como os deuses, não regem esferas separadas do ser, regem conjuntamente a mesma esfera, produzindo diferentes formas de tornar psíquicos os diferentes instintos, produzindo diferentes tipos de consciências. Sendo assim, os complexos também não estariam vinculados a padrões arquetípicos específicos. Qualquer complexo poderia estar sob a influência deste ou daquele dominante e qualquer dominante poderia a qualquer momento se apoderar desse ou daquele complexo. Herói, *puer* ou filho pertencem a circunstância da juventude. A juventude possui o significado de vir a ser, crescimento, superação, já que sua realidade estaria em estado nascente. Enfim, da perspectiva do *senex* (velho), o jovem é renovação, o idêntico e o diverso seriam uma só figura, como a ignorância clamando por conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os postulados de uma Psicologia Profunda Junguiana, tudo o que escapa ao racional e se aproxima da vontade, pertenceria ao reino do Inconsciente. Haveria no ser humano coisas que ele mesmo não compreende, e as quais possuiriam uma força latente. Dessa forma a vida psíquica compreenderia processos para legitimar uma ordem inconsciente de forma consciente. Os mitos seriam exemplos, da irrupção da vida inconsciente no consciente, manifestando conteúdos que se relacionariam com aquilo que moveria a vontade, o desejo e as escolhas.

Dessa forma, poder-se-ia pensar, que muitas decisões tomadas livremente, seriam manifestações de uma vontade essencial, motivo pelo qual muitas vezes o indivíduo ignora o porquê de diversas de suas ações. Um mundo concebido a partir da

representação da vontade mobilizaria o intelecto, que se colocaria a serviço dessa força desejosa de se realizar no mundo.

O lugar do ser humano seria assim, o lugar da significação, do conhecimento. E além de significar suas ações, o indivíduo poderia também aperfeiçoá-las, através de sua capacidade de expressão. Essa capacidade expressiva transformar-se-ia em canal para aquilo que mesmo oculto, potencializaria e moveria o desejo. O desejo ou a vontade, buscando modos de se objetivar, encontraria na arte, por exemplo, a possibilidade para essa realização. Por essa razão a arte assim entendida, traduz importância vital para o equilíbrio psíquico, reconectando o indivíduo à sua vontade, a si mesmo. Havendo algo no ser humano, que o atravessa, que o escapa, algo que ele não poderia dar conta, surgiria a necessidade da criação, da arte, como processo de interiorização e de apropriação da própria experiência a partir daquilo que seria mais íntimo, (e nada mais íntimo do que os processos inconscientes da vida).

A linguagem e suas metáforas seriam exemplos de como a arte representaria a expressão da natureza do Inconsciente, concebido como devir, força criativa, força das imagens (arquétipos), regendo uma realidade que funcionaria através da criação, da transformação.

Supondo que tudo em a natureza psíquica seja cíclico, para sondá-la, a postura assumida deveria ser construída a partir da elaboração de pensamentos compostos por fases cada vez mais cíclicas e menos lineares. O conhecimento linear ou objetivo adviria de uma visão objetiva inserida sobre aquilo que se quer conhecer. Em se tratando do psiquismo, e considerando-o, sobretudo enquanto um sistema energético, não haveria como pensá-lo em termos de linearidade, pois não haveria como se pensar a energia linearmente. O que há ou poderia haver em relação ao psiquismo, seria produção de sentido. Nesse sentido, não haveria separação entre sujeito e objeto, o psiquismo não poderia distinguir isso, pois seria composto de uma substância única e dentro dessa concepção, o homem estaria unido ao Universo. A mente humana sendo cíclica não poderia excluir nada, nem os elementos indesejados, todos os elementos indesejados do

sistema psíquico, seriam de alguma forma reintegrados para o equilíbrio do sistema. O ciclo e a reciclagem de imagens e sensações, fluxo e refluxo, sono e vigília, seriam fases da mente, semelhantes aos estágios do dia e da noite.

Desejoso de conhecimento, o ser humano faria do desejo a fonte do próprio conhecimento. O conhecimento adviria da experiência, de tudo o que se pensa e se sente. Não se podendo saber das coisas em si mesmas, lidar-se-ia então com os seus efeitos. As imagens enquanto vivências ofereceriam esses efeitos a partir do contato com as coisas exteriores. Por isso o conhecimento não poderia ser somente objetivo, pois descartaria a dimensão subjetiva. E concebendo o ser e o afeto como cúmplices, a base do conhecimento seria também afetiva, por isso, a falta de associação com o afeto, oferece inclusive risco de dissociação psíquica.

O psiquismo poderia ser comparado à uma fábrica de imagens, na qual as emoções virariam cenários simbólicos, para falar das coisas que o ser humano ainda não dá conta. As imagens teriam como função preencher uma certa ausência, uma espécie falta. O que se deseja, ainda que inconscientemente, mobilizaria o futuro da imagem. A imagem viria a tona, a partir daquilo que causasse afecção, quando algo tem o poder de afetar, a imagem dessa afecção ficaria como que secretamente guardada. Toda afecção seria o efeito de um desejo que foi atingido, pressupondo assim reciprocidade e uma dupla causalidade. A imagem originar-se-ia tanto pela afecção como pela conexão com o mundo, possuindo uma causa interna e ao mesmo tempo externa caracterizada por essa relação sujeito e objeto. Trabalhar com imagens seria trabalhar com narrativas e narrativas podem ser reconstruídas. Essa reconstrução poderia ser pensada a partir da construção de novas probabilidades, as quais se realizariam a partir de subjetivações particulares.

O papel de protagonista da imagem no mito de Narciso reflete a importância que a mesma possui na vida psíquica, como condição nata que todos possuem para criar aquilo que está oculto. A produção de imagens viria da necessidade humana de nomear a vida, de expressar emoções. A liberdade para produzir imagens, seria uma maneira de

se apropriar da existência todos os dias, numa tentativa de imitação de tudo que diz respeito ao ser humano, de tudo o que ele quer aprender, apreender e aperfeiçoar. O conhecimento do mundo aconteceria a partir de uma imersão em si mesmo, vivenciando-se a própria história, o próprio mito. E seria importante se apropriar da forma como se enxerga o mundo, pois muitas vezes é imprescindível uma mudança nessa maneira de concebê-lo. A maior de todas as artes poderia ser então, a construção de si mesmo, numa tentativa de se dar conta daquilo que se é. Seria como se houvesse um artesão no íntimo de cada ser humano, como se cada um possuísse uma espécie de ateliê íntimo de imagens, que precisa estar em funcionamento. A homeostase psíquica estaria associada a essa administração da dinâmica entre mundo interno e externo. Quanto mais o ser humano sabe da natureza, mais sabe sobre si mesmo, a natureza seria como um espelho para o homem. Narciso reflete bem essa situação psíquica quando diante de sua imagem refletida no espelho d'água, toma consciência de si mesmo e transforma sua realidade. A narrativa ovidiana aborda a construção de uma nova consciência, que não sucumbe simplesmente aos desígnios divinos, Narciso numa tentativa constante de transcender o que lhe é imposto, apresenta-se humanizado, agitando-se e questionando o destino. Sua luta com o destino na trajetória do filho, herói e puer é a mesma levada muitas vezes a cabo pelo homem, que surge como um ser de vontade, e numa atitude reflexiva retrata o esforço da razão em compreender o mundo e orientar a ação, o que acabaria definindo inclusive a própria atitude ética.

Em cartas a Spinoza (1995), a psiquiatra Nise da Silveira, mencionou que a elaboração do imaginário seria comparável à elaboração do pensamento racional, sem lhe ser, entretanto, idêntica. Imaginário e pensamento racional possuiriam cada um sua ordem e sua produtividade particulares. O imaginário seria perfeitamente legítimo, gozando da liberdade de encadear, segundo sua ordem própria, as imagens que configura. Haveria equívoco não pelo fato de imaginar, mas ao assumir aquilo que se imagina enquanto algo realmente existente no mundo exterior. É aqui que se insere muito daquilo que acontece nos estados do ser denominado de loucura. Imagens visualizadas no mundo interno apresentam-se com força tão convincente, que dominam o indivíduo seja pelo terror ou pelo deslumbramento. Não se deveria pretender substituir o real pelo imaginário nem o imaginário pelo real. A ordem do imaginário e a ordem do pensamento racional são diferentes. O que se pode fazer é trabalhar no sentido de tornar

conscientes as imagens ocultas ou guardadas por detrás das emoções, pois se mantendo no plano das emoções, pode haver ameaça significativa da organização psíquica, através da irrupção de conteúdos inconscientes, os quais podem desencadear altos níveis de angústia. Uma alternativa seria associar essas imagens a uma orientação para se lidar com polaridades constituintes do psiquismo humano, pois seria justamente na dinâmica dos opostos, que a psique funcionaria com equilíbrio, dando conta da realidade inconsciente, através de um método no qual se estabeleça correspondências com a produção de sentido. A questão, é que o mundo muitas vezes é construído dentro de um discurso hipócrita, dentro de uma realidade onde tudo tem de se justificar. Então por mais que o ser humano esteja sempre refletindo, continua tendo medo daquilo que escapa ao crivo de sua razão e dificilmente consegue lidar, por exemplo, com a existência como algo do porvir, como um processo de transformação ou de criação de si mesmo. Já que para tanto, seria indispensável sondar mistérios, aceitar e lidar com opostos e acima de tudo, um profundo esforço moral.

A relação com qualquer arquétipo envolve o perigo da possessão, a qual pode ser contida através do relacionamento com a psique, através de funções psíquicas individuais, especialmente aquelas que derivam de modo direto do inconsciente, visto que a partir delas o potencial criador, transformador da psique toma direção. Aqui, o conceito de arquétipo encontra aplicação, pois a partir dele o indivíduo seria impelido a colocar as imagens em prática. Para tanto, não bastaria alcançar apenas a compreensão das imagens do inconsciente. Apegar-se apenas a tal saber, representa até algo perigoso, pois seria preciso sentir a responsabilidade ética que o conhecimento das imagens traduz, caso contrário, possivelmente se sucumbiria ao princípio de poder. A falta de ética representaria dessa forma, causa de sofrimento, de perturbação mental, pois a ausência do fator moral causaria desequilíbrio psíquico. O próprio Jung chegou a encarar a cura da neurose, a partir da realização moral, mas destacando que a função moral, não deveria ser confundida com embate com a norma vigente coletiva. A função moral retrataria psicologicamente o funcionamento do inconsciente pessoal em uma relação de moralidade com o inconsciente coletivo. A fonte do inconsciente pessoal encontrar-se-ia no passado pessoal, sua ausência na consciência produziria de um modo ou de outro, o caráter psicológico de uma omissão, que geraria um sentimento de ressentimento moral. O desenvolvimento da personalidade encerraria assim, mais do

que o temor de algo em si próprio, já que parece haver ainda, uma espécie de motivação de acontecimentos internos ou externos disparadores da ativação do desenvolvimento da própria personalidade, um desejo proveniente de uma necessidade, de uma natureza irracional, impelindo a emancipação de uma consciência cada vez maior. Na própria história de Narciso, tudo poderia ter permanecido como estava, se ele não tivesse tido sede. A sede foi a necessidade, a exigência para a descoberta de um novo caminho. O caminho seria algo psiquicamente vivo para Jung, que o compara ao curso da água, movimentando-se para alcançar o mar, sua meta de significado existencial.

Relacionando imagem e ação, a Psicologia Analítica apresenta o Processo de Individuação como um processo através do qual o indivíduo seria impelido a conscientizar-se de suas identificações inconscientes. Os Temas trazidos através dos arquétipos apesar de universais viriam à tona de forma pessoal e individual. Quando o inconsciente se manifesta sob a forma de imagens arquetípicas, seja em sonhos, emoções ou reações, há uma situação potencialmente sadia. Pois isso indica movimentações do psiquismo em direção a uma tentativa de reestruturação ou reorganização. A perturbação psíquica, não residiria na existência de conteúdos provenientes do inconsciente, mas no perigo de dissociação do consciente perante esta situação, tudo dependeria da intensidade excessiva de sua carga energética, da violência dos choques entre os opostos particulares da estrutura básica da psique, da maneira como se contaminam entre si, das mil formas de suas recíprocas associações. E, sobretudo, da maneira como esses conteúdos chegam à consciência. Situação por vezes desorganizadora que influenciaria sobremaneira a relação do indivíduo com a realidade. Fazendo uma analogia, assim como no corpo físico, o esqueleto e a musculatura sustentam a matéria, no corpo psicológico, os arquétipos estruturariam a mente. O conceito de arquétipo se configura como um dos pilares da Psicologia Junguiana.

Narciso revela a própria natureza da psique, pois os mitos resultam da tendência não reprimível do inconsciente para projetar ocorrências internas, que se desdobram invisivelmente na psique e se expressam em fenômenos no mundo exterior, traduzidos em imagens.

Foi através do funcionamento psíquico apresentado por Jung, baseado na capacidade inesgotável do psiquismo humano, que se pode vislumbrar no espelho d'água que reflete a imagem de Narciso, um mundo rico de possibilidades, revelador de

muitas facetas da psique humana. Resistente contra a dissolução de sua própria atividade criadora de símbolos é muitas vezes através do sintoma ou do sofrimento psíquico, que o psiquismo denuncia uma obstrução da função básica e vital de enraizamento em si mesmo.

Descrevendo outra figura apresentada por Narciso, além daquela enclausurada na aparência, pode-se retratar o momento de encontro entre consciente e inconsciente, compreendendo a amplitude e o significado da via atravessada pelo protagonista para harmonizar-se psiquicamente.

Segundo J. Hillman, cada arquétipo teria um estilo de patologia, mas como o arquétipo tem por característica essencial o aspecto paradoxal, o seu *pathos*, este mobilizaria também o seu *logos* ou o seu significado. Ou seja, o mito apresentaria a psicodinâmica arquetípica, através de uma psicopatologia arquetípica. Apontando que seria através das expressões das patologias, que se poderia penetrar nos mitos, pois seria a partir dessas mesmas expressões que os mitos falariam daquilo que diz respeito ao ser humano. (HILLMAN, 2008, p. 194, 195).

Portanto, apenas aparentemente Narciso poderia causar a impressão de um jovem tolo, com um horizonte limitado. Um olhar voltado para os aspectos arquetípicos referentes ao potencial do inconsciente coletivo fez volver cuidadosamente para o contexto relacional de Narciso. Junto a outras figuras pertencentes ao mito, descortinou-se uma riqueza simbólica no percurso, ampliando e libertando imagens, expressadas através de significativas atitudes psicológicas. Ao analisar-se a história do ponto de vista do arquétipo, destacou-se um potencial de solução para a problemática apresentada. A busca como motivo principal das histórias arquetípicas não à toa, direcionou Narciso para algo difícil de ser obtido, mas que trouxe consigo a libertação da “maldição” de não se conhecer, que ele carregava.

Por tudo isso, o Processo de Individuação seria de fato o evento psíquico refletido nesta história. Levando Narciso a conhecer a ordem para a qual naturalmente todos estão inclinados. A problemática apresentada, não residia na falta de realidade de mundo, e sim no desconhecimento da realidade psíquica (HILLMAN, 2008, p. 47). Essa outra dimensão (a psíquica) ao ser incluído trouxe para Narciso, uma nova forma de apresentar-se ao mundo, imbuída de uma dimensão ética, experimentada na interação com um outro capaz de revelar uma imagem que estava oculta. Um outro se fez imagem, revelando um desejo profundo, desvelado num encontro radical, onde Narciso morreu para uma dimensão de si, mas renasce ao encontrar um rosto que desperta emoções radicalmente transformadoras.

O arquétipo do senex no seu aspecto positivo vem estabelecer uma negociação com o puer, nesse contexto já não há mais a conquista do herói através do confronto com o monstro do inconsciente, o que urge nessa narrativa cosmogônica de Narciso é a necessidade de se travar uma relação amorosa com o inconsciente. A imagem que aparece na água e que envolve Narciso de forma arrebatadora, apaixonada, demonstra de forma extremamente significativa, que a inclinação da natureza psíquica clama por completude, por uma relação amorosa entre consciente e inconsciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BARRETO, Marco Heleno. **Pensar Jung**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988. (Volumes I, II e III).
- BRANDÃO, J. S. **Dicionário Mítico Etimológico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Volumes I e II).
- CASSIRER, Ernest. **A filosofia das formas simbólicas - II - O pensamento mítico**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004.
- CAVALCANTI, Raissa. **Mitos da Água – As imagens da alma no seu caminho evolutivo**. São Paulo, Editora Cultrix, 1997.
- Dicionário de mitologia greco-romana**. São Paulo, Abril Cultural, 1976
- FRANZ, M. L. Von. **A Individuação nos Contos de Fada**. São Paulo, Paulus, 2003a.
- FRANZ, M. L. Von. **A Interpretação dos Contos de Fada**. São Paulo: Paulus, 2005.
- FRANZ, M. L. Von. **A Sombra e o Mal nos Contos de Fada**. São Paulo, Paulus, 2002.
- FRANZ, M. L. Von. **Animus e anima nos contos de fadas**. São Pulo: Verus, 2010.
- FRANZ, M. L. Von. **O gato**. São Paulo, Paulus, 2003b.
- FRANZ, M. L. Von. **O significado psicológico dos motivos de redenção nos contos de fada**. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.
- HALL James A. **Jung e a Interpretação dos Sonhos - manual e prática**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- GOUVÊA, Álvaro Pinheiro /organizador. **Cine Imaginarium – Imaginário e estética: da arte de fazer psicologia, comunicação e cinema**. Rio de Janeiro, Companhia Freud: Ed. PUC- Rio: FAPERJ, 2008.

GORRÉSIO, Zilda. **Pressupostos míticos de C.G. Jung na leitura do destino: Moira**. São Paulo: Annablume, 2005.

HASEGAWA, Alexandre, Literatura fundamental 35 - Metarmofoses, de Ovídio, **Youtube**. Disponível em <linkdoyoutube>).

HILLMAN, James. **Ficções que curam: Psicoterapia e imaginação em Freud, Jung e Adler**. Campinas: Verus Editora, 2010 a.

HILLMAN, James. **O pensamento do coração e a alma do mundo**. Campinas: Verus Editora, 2010b.

HILLMAN, James. **O livro do puer – ensaios sobre o arquétipo do pueraeternus**. São Paulo: Paulus, 2008.

HILLMAN, James. **Uma busca interior em psicologia e religião**. São Paulo: Paulus, 1984.

HILLMAN,

James. **Pã e o pesadelo**. São Paulo: Paulus, 2015.

HILLMAN, James. **Paranoia**. Petrópolis: Vozes, 2012.

HILLMAN, James. **Psicologia Arquetípica**. São Paulo: Cultrix, 1995.

HORTA, B. C. **Nise Arqueóloga dos Mares**. Rio de Janeiro, Edições do Autor, 2008.

JAFÉ, Aniela. **The Myth of Meaning in the Work of C. G. Jung**. Zurich: Copyright, 2012.

JACOBY, Mario. **Individuation and narcissism: the psychology the self in Jung and Kohut**. New York: Routledg, 2006.

JUNG, G. C. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

JUNG, Gustav Carl. C. G. **Jung Obra Completa: Tipos Psicológicos 6**. Petrópolis: Vozes, 2011, 18 v..

_____. **O eu e o inconsciente 7/2**. Petrópolis: Vozes, 2011, 18 v..

- _____. **A energia psíquica 8/1.** Petrópolis: Vozes, 2011, 18 v..
- _____. **A natureza da psique 8/2.** Petrópolis: Vozes, 2011, 18 v..
- _____. **Sincronicidade 8/3.** Petrópolis: Vozes, 2011, 18 v..
- _____. **Psicologia e Religião 11/1.** Petrópolis: Vozes, 2011, 18 v..
- _____. **O espírito na arte e na ciência 15.** Petrópolis: Vozes, 2011, 18 v..
- _____. **O desenvolvimento da personalidade 17.** Vozes, 2011, 18 v..
- _____. **A vida Simbólica 18/1 e 18/2.** Petrópolis: Vozes, 2011, 18 v..

JUNG, C. G.; FRANZ, M. - L. Von; HENDERSON, J. L.; JACOBI, J.; JAFFÉ, A.; **O Homem e seus Símbolos.** Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1964.

JUNG, C. G. **Sobre Sentimentos e a Sombra.** Petrópolis: Vozes, 2014.

JUNG, C. G. **Sobre Sonhos e Transformação.** Petrópolis: Vozes, 2014.

JUNG, C. G.; WILHELM, R.. **O segredo da flor de ouro: um livro de vida chinês.** Petrópolis: Vozes, 2011.

MELO, Nélio Vieira. **A ética da alteridade em Emmanuel Levinas.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MORONI, Amnéris. **Figuras da imaginação: buscando compreender a psique.** São Paulo: Summus, 2001.

NAGY, Marilyn. **Questões Filosóficas na Psicologia de C. G. Jung.** Petrópolis: Vozes, 2003.

OVÍDIO, Públio Nasão. **Metamorfoses, III, 340-510.** Rio de Janeiro: Organização Simões, 1959 [Tradução de Antônio Feliciano de Castilho].

NEUMANN, Erich. **Psicologia Profunda e nova ética.** São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

NEUMANN, Erich. **História da Origem da Consciência.** São Paulo: Editora Cultrix, 2013.

OTTO Rudolf. **O Sagrado.** Lisboa/Portugal: Edições 70, 2005

PENNA, Eloisa M. D. **Epistemologia e método na obra de C. G. Jung**. São Paulo, SP: EDUC : FAPESP, 2013.

PENNA, Eloisa M. D. **Processamento simbólico-arquetípico – pesquisa em psicologia analítica**. São Paulo, SP: EDUC: FAPESP, 2014.

SILVEIRA, Nise. **Cartas a Spinoza**. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1995.

SILVEIRA, Nise. **Jung Vida e Obra**. Rio de Janeiro: José Alvaro, 1971.

SHAMDASANI, Sonu. **Jung e a construção da Psicologia Moderna - O sonho de uma ciência**. Aparecida SP: Ideia & Letras, 2005.

SCHWARTZ-SALANT, Nathan. **Narcisismo e transformação do caráter: A psicologia das desordens do caráter narcisista**. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.

SOUSA, Nilton. **O mito em Ernest Cassirer e Carl Gustav Jung – Uma compreensão do ser humano**. Rio de Janeiro; Litteris, 2002.

VÃZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Ética**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1992.

VERÍSSIMO, Luiz José. **A ética da reciprocidade: diálogo com Martin Buber**. Rio de Janeiro: Uapê, 2010.

VERÍSSIMO, Luiz José. **A psicologia do Self e a função Religiosa da Alma: um estudo a partir de C. G. Jung**. Campinas: Editora Livro Pleno, 2005.

ANEXOS

OVIDIO METAMORFOSES LIVRO 3, 340-510

Este, (*Tirésias*) famoso pelas cidades da Aônia,
respondia infalível a quem o inquiria. 340

A primeira a sentir-lhe a veracidade,
foi cerúlea Liríope, que outrora, em curvo
curso enlaçou Cefiso, e, presa na corrente,
a violou. A ninfa belíssima, grávida,
pariu um filho, mui digno de ser amado, 345
e de Narciso o chama. Consultado, então,
se viveria até a senectude, o vate
fatídico falou: “Se não se conhecer”.

Durante anos, vã parece a voz do áugure.
Furor estranho e o tipo de morte comprovam-na. 350

O Cefísio (*Narciso*) contava, então, dezesseis anos,
podendo ser tomado por menino ou jovem.

Muitos moços e muitas moças desejavam-no;
mas, tão dura soberba havia em ternas formas,
nenhum rapaz, nenhuma moça lhe tocou. 355

Viu-o alçando as redes com os cervos trêmulos,
ninfa loquaz, que ao ouvir não fica calada, nem
fala antes de alguém, a ressoante Eco.

Eco tinha, então, corpo, não só voz; porém,
igual agora, a boca repetia, gárrula, 360
entre tantas, somente as últimas palavras.

Fez isto Juno, pois podendo surpreender
as ninfas se deitando em montes com seu Júpiter,
Eco sempre a retinha com longas conversas,
para as ninfas fugirem. Satúrnica entendeu 365

e disse: “a tua língua, que me iludiu tanto,
pouco poder terá, no uso parvo da voz”.

E a ameaça confirma: quando alguém diz algo,
Eco repete apenas o final das frases.

Quando, então, viu Narciso errando pelos campos, 370
arde de amor por ele e a furto os passos segue-lhe;
e quanto mais o segue, mais a chama arde,
tal, quando se unta a extremidade de uma tocha,
o vivo enxofre inflama-se perto da chama.

Oh! Quantas vezes quis abordá-lo com brandas 375
preces e afagos. Sua natureza impede
que ela fale primeiro; mas a deixa apenas
acolher e ecoar as palavras que ouve.

Por acaso, o rapaz, desviado dos colegas,
gritou: “alguém me escuta?”, “escuta!” rediz Eco. 380
Queda-se atônito, dirige o olhar a toda parte,
alça a voz e diz: “vem!”; ela chama quem chama.
Volve o olhar e não vendo ninguém diz: “Por que
foges de mim” e ouve de volta a mesma frase.

Detém-se e, iludido por voz replicante, 385
fala: “aqui nos juntemos!”, e Eco, com volúpia
nunca experimentada, devolveu: “juntemos!”
Seguindo suas próprias palavras, da selva
sai e vai abraçar-se ao pescoço do amado.

Ele fugindo, diz: “tira as mãos, não me abrases, 390
morrerei antes que tu possas me reter!”
E ela, apenas: “Que tu possas me reter!”
Desdenhada, se esconde em selva e de vergonha
e ramos cobre o rosto e vive em grutas ermas.

No entanto, arde o amor e cresce com a dor; 395

a insônia lhe consome o corpo miserável,
a magreza lhe enrugam a pele e no ar se esvai
o suco corporal. Restam só voz e ossos.
A voz vive; viraram pedra os ossos, dizem.
Assim, se esconde em selva e em monte nunca é vista. 400
Todos ouvem-na; é som o que nela vive.
Assim Narciso, esta e outras ninfas de águas
e montes e também rapazes, iludira.
Logo, um dos desprezados, ergue as mãos ao céu:
“Que ele ame e quiçá não possua o amado!” 405
Disse. Assentiu à justa súplica Ramnúsia.
Havia uma fonte argêntea de águas límpidas,
que nem pastor, nem cabras que pastam nos montes
tocaram, nem um outro gado ou algum pássaro
ou fera perturbara, ou ramo quedo de árvore. 410
Havia grama em volta nutrida de húmus,
e uma selva vetando o sol neste lugar.
Aqui, cansado de calor e caça, o moço
se deitou, atraído pela fonte amena.
Enquanto anseia a sede aplacar, outra nasce. 415
Enquanto bebe, preso à bela imagem vista,
ama objeto incorpóreo, sombra em vez de corpo.
Se embevece de si, e no êxtase pasma-se,
como um signo marmóreo, uma estátua de Paros.
Contempla, à beira, os seus olhos, estrelas gêmeas, 420
a cabeleira digna de Apolo e de Baco,
a face impúbere, o pescoço ebúrneo, a grácil
boca e o rubor à nívea candura mesclado;
e admira tudo aquilo que o torna admirável.
Sem o saber, deseja a si mesmo e se louva, 425

cortejando, corteja-se; incendeia e arde.
Quantos beijos irados deu na falaz fonte!
Quantas vezes querendo abraçar a visão,
na água os braços mergulhava achando nada!
Não sabe o que está vendo; mas ao ver se abrasa, 430
e o que ilude os seus olhos mais o incita ao erro.
Por que, em vão, simulacro fugaz buscas, crédulo?
O que amas não há; se te afastas, desfaz-se.
Isto que vês reflexo é sombra, tua imagem;
nada tem de si; vem contigo e se estás fica; 435
se partes, caso o possa, partia contigo.
Nem os frutos de Ceres, nem o sono, podem
demovê-lo; mas, ele, imerso em relva opaca,
contempla a falsa forma sem faltar os olhos,
e por seus olhos fina-se. E erguendo, um pouco, 440
os seus braços à selva que o rodeia, indaga:
“Acaso, ó selva, alguém mais cruelmente amou?
sabes, pois deste a muitos refúgio oportuno.
Acaso, posto que viveste tantos séculos,
lembras de alguém que, outrora, assim tenha sofrido? 445
E vejo o que me apraz; mas o que ver me apraz,
tocar não posso, e em tanto engano sigo amando.
E para mais sofrer, não nos separa o mar
ingente, estrada, monte ou sólidas muralhas. 450
Água exígua nos obsta. Ele aspira a mim;
pois, quantas vezes beijo sua face líquida,
ele, outras tantas, tenta unir-se aos meus lábios.
Crês possível o toque: um mínimo nos obsta.

Quem és? Vem cá! Rapaz sem par, por que me iludes?
Aonde vais sem mim? Em beleza e idade 455
somos pares, e até mesmo as ninfas me amaram.
Esperança me dás com teu semblante amigo;
quando te estendo os braços, teus braços me estendes;
quando rio, sorris; sempre vejo em ti lágrimas,
se lacrimajo, e ao meu aceno tu assentes; 460
e, pelo movimento de teus belos lábios,
colho palavras que aos ouvidos não me vêm.
Esse sou eu! Sinto; não me ilude a imagem dúbia.
Ardo de amor por mim, faço o fogo que soffro.
Que faço? Rogo ou sou rogado? A quem rogar? 465
Quero o que está em mim; posse que me faz pobre.
Oh! Se eu pudesse separar-me de meu corpo!
Desejo insólito: querer longe o que amamos!
Já a dor me tira a força, resta-me de vida
pouco tempo e na minha mocidade expiro. 470
A morte não me pesa, alivia-me as dores.
Este que amo queria que vivesse muito.
Agora, os dois concordes, morreremos juntos”.
Disse e, demente, torna o olhar à mesma face,
de lágrimas turvou a água e a imagem 475
movendo obscureceu. Ao vê-la ir-se, grita:
Foges para onde? Espera, não deixes, cruel,
teuamante. Que eu possa ao menos contemplar-te
sem tocar e nutrir o meu triste furor”.
Enquanto se lamenta, rasga, no alto, a túnica, 480
e soca o peito nu com os punhos marmóreos.
Tênuê rubor tingiu-lhe o peito golpeado,
tal qual maçã que, branca em parte, em outra parte

se enrubesce; ou uva imatura que toma,
 nos cachos variegados, uma cor purpúrea. 485
 Quando ele se reviu na água de novo límpida,
 não o suportou mais; mas, qual a flava cera se
 funde em fogo brando e o orvalho matinal ao
 sol nascente, assim, definhado de amor,
 se liquida, e o devora um fogo lento e cego. 490
 E já não há nenhum rubor na branca tez,
 nem ânimo ou vigor, que dava gosto ver,
 nem subsiste o corpo que outrora amou Eco.
 Quando ela o vê, ainda que bem ressentida,
 dele se condói, e quantos “ai!” o triste moço 495
 diz, tantos “ai!” repete em ressoante voz.
 E quando ele golpeia os braços com as mãos,
 também ela devolve o mesmo som plangente.
 Uma vez mais se vê na água e com voz extrema,
 diz: “Ai, rapaz amado em vão” e o sítio em torno 500
 tudo repete; e diz “Adeus”, “Adeus” diz Eco.
 Cansado, a cabeça tombou na verde relva,
 fechou-lhe a morte os olhos loucos pelo dono.
 Mesmo depois de entrar na morada infernal,
 ele se olha no Estige . As suas irmãs Náíades 505
 choraram, ofertando-lhe os cachos cortados;
 as Dríades choraram; Eco ressoou,
 e preparavam já a pira e as tochas fúnebres;
 corpo nenhum havia. No lugar acharam
 uma flor, cróceo broto entre pétalas brancas. 510
 Tal fato deu ao vate merecida fama
 e grande era o nome do áugure na Acaia.